

RACISMO



Por uma fé contra o

**Racismo**

TEMAS ESPECIAIS

POR UMA FÉ CONTRA O RACISMO

TEMAS ESPECIAIS | RACISMO

REVISTA DE EDUCAÇÃO CRISTÃ PARA ADULTOS

Organizador: Rev. Robson de Oliveira

Revisão: Rev. Gerson Correia de Lacerda

Editoração eletrônica: Seiva D'Artes

Imagem da Capa: Freepik.com

Pendão Real

São Paulo, SP

1ª edição - novembro/2020



<b>APRESENTAÇÃO</b>	<b>4</b>
Racismo Estrutural: um problema de todos e todas	
<b>SIMONY DOS ANJOS</b>	<b>8</b>
Racismo: compreendendo termos e conceitos para o seu enfrentamento	
<b>EDSON FABIANO</b>	<b>15</b>
Martin Luther King Exemplo de Fé, Justiça, Igualdade e Insatisfação	
<b>MARA BOMFIM</b>	<b>24</b>
A IPIB e o Racismo	
<b>LEONTINO FARIAS DOS SANTOS</b>	<b>32</b>
Leitura Bíblica Antirracista	
<b>JOSÉ ROBERTO CRISTOFANI</b>	<b>39</b>
Fundamentos bíblico-teológicos da Teologia Negra. O que é Teologia Negra? Quais suas contribuições para a igreja hoje?	
<b>JOSÉ ADRIANO FILHO</b>	<b>47</b>

Fundamentos bíblico-teológicos da Teologia Negra

**ISAAC LESSA** 54

Mulheres Negras: A Luta Evangélica Contra o Racismo e Sexismo

**ELIAD DIAS** 62

Fé cidadã, relevância social da igreja local no combate ao racismo

**MARCO ANTONIO BARBOSA** 69

Koinonia cristã como antídoto à discriminação

**SILAS DE OLIVEIRA** 76

Contribuições Litúrgicas para a Celebração do Dia Nacional da Consciência Negra

**MÁRCIA FURRIER GUEDELHA BLASI** 83

Um chamado aos adolescentes e jovens: Vençam a mentira do racismo!

**ROBSON DE OLIVEIRA** 91





Apresentamos para nossa amada Igreja Presbiteriana Independente do Brasil mais uma contribuição para o aprendizado e a prática do combate ao racismo em nosso país.

A proposta de organizar este material veio do Rev. Robson de Oliveira, que se desdobrou intensamente para levar a cabo tal empreitada. E o resultado é esta belíssima contribuição de várias autoras e autores, um material didático e pastoral de combate ao racismo.

A partir da amplitude dos estudos relacionados ao racismo, do contexto das nossas igrejas e área de atuação dos autores e autoras convidados, organizamos o tema da seguinte maneira:

## Aspectos Histórico e Sociais:

- Para uma ampla compreensão do racismo como fenômeno social, suas razões, desdobramentos históricos, males e caráter estrutural. (*Simony dos Anjos*)
- Racismo: compreendendo termos e conceitos para seu enfrentamento (*Edson Fabiano*)
- Aprendendo com o Pastor Martin Luther King: quem foi? O que propôs? O que nos motiva? (*Mara Bomfim*)
- A IPI e a luta antirracista. A igreja de ontem, incentivando e aconselhando a igreja de hoje. O que a ação e até mesmo omissão de outrora tem a nos ensinar? O que desejamos da IPI de hoje para um amanhã antirracista? (*Leontino Farias dos Santos*)

## Aspectos Bíblicos e Teológicos:

- Leitura Bíblica Antirracista. (*José Roberto Cristofani*)

- Fundamentos bíblico-teológicos da Teologia Negra. O que é Teologia Negra? Quais suas contribuições para a igreja hoje? (*José Adriano e Isaac Lessa*)
- Mulheres negras: a luta evangélica contra o racismo e sexismo. (*Eliad Dias dos Santos*)

## Aspectos Eclesiásticos:

- Fé cidadã, relevância social da igreja local no combate ao racismo. (*Marco Barbosa*)
- A koinonia cristã como antídoto à discriminação. Como o ser igreja contribui na luta contra a discriminação racial? (*Silas de Oliveira*)
- Contribuições litúrgicas para a celebração do Dia Nacional da Consciência Negra. (*Márcia Furrier*)
- Um olhar para os índices de violência contra os negros, para a intercessão consciente da igreja. O que podemos fazer? Considerações para a elaboração de projetos na igreja local para uma espiritualidade antirracista. (*Robson de Oliveira*)

Sugerimos que os temas sejam tratados de acordo com a necessidade e o interesse de cada comunidade, pois sua ordem não representa uma sequência necessária.

Esperamos que este conteúdo ajude na reflexão madura e consequente da Igreja frente os desafios sociais de nossa Pátria.

Boa leitura!

***Rev. Robson Oliveira (Organizador)***

***Rev. José Roberto Cristofani (Secretário de Educação Cristã)***



“

**RACISMO ESTRUTURAL:  
UM PROBLEMA DE  
TODOS E TODAS**

**SIMONY DOS ANJOS**

# 01

*“Deus viu tudo o que havia feito, e tudo havia ficado muito bom. Passaram-se a tarde e a manhã; esse foi o sexto dia” (Gn 1.31).*

*Quando se fala de racismo, a primeira reação que temos é dizer: “Eu não sou racista! Respeito todas as pessoas de forma igual”. E isso é verdade. Nós, enquanto seguidoras e seguidores de Jesus, amamos a todos de igual maneira. Contudo, pretendo apresentar uma outra faceta do racismo, a qual chamamos de Racismo Estrutural. O racismo estrutural independe de ações individuais. Ele acontece e se reafirma pelo modo como a sociedade hierarquizou pessoas não-negras e negras, no contexto da escravização de pessoas (entre 1500 e 1888, no Brasil)*

*Desse modo, as pessoas negras (e também indígenas) e as pessoas brancas (colonizadores que vieram da Europa) são as duas facetas do racismo. Tanto uma quanto outra são afetadas: as negras com os efeitos de preconceitos e discriminação, e as brancas com os efeitos do que chamamos privilégios.*

*Um exemplo, dentre muitos, é pedir “boa aparência” para trabalhos como recepcionistas e atendentes. Isso pode não ser perceptível, mas o número de mulheres negras que eram contratadas nesse tipo de vaga de emprego era mínimo. Justamente, nesse sistema de duas faces, as negras são inferiorizadas – vistas como não tendo uma boa aparência. E as brancas, também afetadas pelo sistema racista, mas de forma a serem beneficiadas, são vistas como de boa aparência (se tiverem olhos claros e cabelos loiros, são vistas como mais bonitas ainda).*

É mister afirmar que falo sobre o sistema de classificação social que deriva dos 300 anos de escravização pelos quais o Brasil passou.

Outro exemplo que reflete esse sistema que quase imperceptivelmente nos direciona a hierarquizar pessoas negras e brancas pode ser visto neste desenho francês chamado “Dina and The Prince”, que conta a história de uma bela princesa que é amaldiçoada. A grande questão é

que seu castigo é se tornar negra.

A comunidade internacional do movimento social negro se manifestou e o desenho foi retirado de circulação. A reflexão que tiramos disso é que, para uma criança negra que assistiu esse desenho, ela pode subjetivamente ter internalizado: negro é feio; branco é bonito. O que pode acarretar distúrbio de imagem e incitar o auto-ódio, odiando, assim, a própria criação de Deus.



“Dina and The Prince” (Dina e o Príncipe), do canal My Pingu TV, em um canal do Youtube

Antes de adentrar aos três pontos argumentativos deste pequeno texto, faz-se necessário ressaltar que a desumanização e a desqualificação das pessoas negras como menos humana e até sem alma eram necessárias para justificar a atrocidade que foi a escravização de pessoas, no Brasil e no mundo.

Além disso, é preciso entender que o término da escravização, em nosso país, não foi completa justamente porque as pessoas negras recém-libertas não tiveram nenhum

auxílio para se estabelecer.

Em outras palavras, não tinham casa, trabalho, saúde ou educação. E isso se reflete ainda hoje, 130 anos após a chamada “abolição” da escravatura (entre aspas porque não foi uma abolição de verdade, pois não deu condições para negras e negros reestabelecerem as suas vidas).

Assim é que, neste contexto, Lélia González, socióloga negra, falou: “*Parece que a gente não*

*chegou a esse estado de coisas. O que parece é que a gente nunca saiu dele*” (González, “Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira”, 1984). A gente não se transformou em uma sociedade estruturalmente racista na perspectiva da pessoa negra. Na verdade, o país nunca deixou de ser estruturalmente racista. Há de se considerar que tivemos pequenos avanços, mas ainda há muito por fazer.

Agora, passo a trabalhar cada ponto argumentativo, quais sejam: 1) As relações sociais baseadas na hierarquização entre as pessoas; 2) O fim da escravização e como esse processo tem

seus efeitos até hoje; 3) Como a igreja pode, de fato, se inserir em uma luta antirracista

## **As relações sociais baseadas na hierarquização entre as pessoas**

Com o advento da escravização brasileira criou-se um problema de hierarquização de pessoas e os seus efeitos foram assumidos apenas pelas pessoas negras. Por isso é tão difícil combater a estrutura racista, pois parece que este é um problema apenas das pessoas negras. Lélia González sabiamente disse que:

*Enquanto a questão negra não for assumida pela sociedade brasileira como um todo: negros, brancos e nós todos juntos refletirmos, avaliarmos, desenvolvermos uma práxis de conscientização da questão da discriminação racial neste país, vai ser muito difícil ao Brasil chegar ao ponto de efetivamente ser uma democracia racial (GONZÁLEZ, 1982).*

Deste modo, para entender as opressões que as estruturas racistas impõem, é preciso entender os privilégios também. Em outras palavras, nenhum sistema se mantém se não houver beneficiados. É isso que chamamos de naturalização do privilégio e da opressão.

Um exemplo disso é as pessoas acharem nor-

mal um comercial de TV que tenha apenas pessoas brancas, e se incomodarem com um comercial de TV que tenha apenas pessoas negras. Ou ainda, ver um homem branco como um bom empresário, ao passo que desconfiam da capacidade de um profissional negro - como se a cor da pele revelasse capacidade. Sílvio de Almeida diz em “Racismo Estrutural”:

*O racismo não é um ato ou um conjunto de atos e tampouco se resume a um fenômeno restrito às práticas institucionais; é, sobretudo, um processo histórico e político em que as condições de subalternidade ou de privilégio de sujeitos racializados é estruturalmente reproduzida. (ALMEIDA, Sílvio. 2018)*

Assim, devemos entender que o funcionamento das estruturas racistas é baseado em um sistema que cria uma opressão para cada privilégio social, e que ambos são naturalizados. Ou seja, essa dupla opressão/privilégio é vista como natural da pessoa, e não como um sistema que organiza e hierarquiza pessoas conforme características que elas não podem mudar em si. Isso também se aplica para pessoas com deficiência, por exemplo.

## O fim da escravização e como esse processo tem seus efeitos até hoje

Nesse ponto gosto de contar uma pequena história. Imagine um homem escravizado libertado em 1988, de 30 anos - João. Imagine também um vendedor de escravos, em 1988, de 30 anos - Henrique. O filho do João não fez escola, o neto do João estudou até a quarta série, o bisneto do João terminou o ensino médio. Essas quatro gerações trabalharam apenas para comer e sobreviver. Nunca conseguiram sair do “morro”, lugar no qual o João foi viver assim que foi alforriado, sem

casa, trabalho e condições dignas de vida. Por outro lado, o filho do Henrique abriu uma fábrica têxtil com o dinheiro que herdou do seu pai - dinheiro esse alcançado com a venda de homens e mulheres negras. O neto de Henrique abriu um banco com o dinheiro acumulado pela família, tornando-o o homem mais rico do país. O bisneto de Henrique resolveu viajar o mundo e se dedicar apenas a isso - escrevendo crônicas sobre os países que visitou - pois, com o dinheiro que sua família tem, ele e seus filhos nunca precisariam trabalhar.

Imagine hoje, em 2020, o bisneto do João e o bisneto do Henrique. É possível falar que não há privilégio para um e opressão para o outro, por causa da escravização? Entendem?

Nós ainda não conseguimos superar os efeitos dos 300 anos de escravização e dos 130 anos da falsa abolição. É por isso que, ainda hoje, existem milhões de bisnetos do João e alguns poucos bisnetos de Henrique. É efeito da escravização de pessoas e o modo como esse processo dividiu a sociedade entre ricos e pobres.

### *Reflitam:*

*Qual é a cor de pele mais presente nos bairros nobres e qual é a cor de pele mais presente nas favelas?*

## Como a igreja pode, de fato, se inserir em uma luta antirracista

Neste cenário difícil e desigual, que é efeito dos longos anos de escravização no Brasil, o que podemos fazer, enquanto igreja, para uma sociedade que não seja racista?

Angela Davis, socióloga norte-americana e militante do movimento social negro nos EUA, dizia que: “Não basta não ser racista, tem que ser antirracista”.

Neste ponto, nossos irmãos estudiosos da Teologia Negra têm muito a nos ensinar, como, por exemplo, o *Lutero Negro* (sec. XIX), Agostinho José Pereira. Homem negro alforriado da escravização que se converteu ao protestantismo e fundou uma igreja cujo o objetivo era comprar a alforria de mulheres negras e homens negros, e ensiná-los a ler a bíblia. Ele alcançou mais de 300 pessoas com esse lindo projeto!

É exatamente isso que a Teologia Negra, que será apresentada no decorrer desta revista, representa. Ela faz uma leitura da Bíblia na perspectiva do povo oprimido. O *Lutero Negro* entendeu que essas pessoas precisavam de Jesus, e precisavam também de liberdade. Entendeu que precisavam saber mais de Deus, e precisavam aprender a ler para terem uma vida digna.

Temos, também, o Rev. Martin Luther King que usou o seu púlpito para denunciar o racismo nos EUA. Ou Rosa Parks, mulher batista que, com uma atitude, marcou a luta antirracista nos EUA (ela não se levantou de um assento reservado para “brancos” em um ônibus). Recentemente, faleceu o Rev. James Cone que juntou a espiritualidade e a ação - ambas baseadas na Bíblia - para combater o racismo! Ou Sojourner Truth (A Peregrina da Verdade), ex-escravizada que viajou pelos EUA falando de Jesus e lutando contra o racismo, além de ser a primeira mulher negra nos EUA a vencer um processo judicial contra um senhor de escravos.

## Ação e os valores do Reino de Deus contra as injustiças raciais

Já vimos que a vida cristã não é incompatível com as lutas raciais. Inclusive, vimos exemplos de cristãs e cristãos fervorosos que uniram a sua fé com a luta antirracista. Gosto de pensar que os valores do Reino - Paz, Justiça e Amor - devem estar acessíveis para todas e todos. Enquanto as pessoas negras não tiverem Paz (um exemplo é a grande violência nas fave-

las), Justiça (com medidas reparatorias que façam diminuir as desigualdades históricas entre brancos e negros) e Amor (não serem o objeto de desprezo por conta da cor da pele), não podemos achar que o trabalho da igreja está completo, pois tudo o que fazemos deve ser para a honra e glória de Deus, e acredito que o racismo não honra e não glorifica a Deus.

Assim, enquanto cristãs e cristãos, podemos intervir socialmente no clamor e na luta por Paz, Justiça e Amor para as pessoas negras, os indígenas e as crianças que sofrem com fome e violência.

Como? Se ouvir uma piada racista, questione quem a fez. Se presenciar cena de racismo, coloque-se ao lado da vítima. Fale sobre igualdade racial em sua comunidade local e, por fim, esteja sensível para perceber as desigualdades sociais que existem em nosso país, com olhos de acolhimento e não de juízo, como muitos ainda fazem.

Se Deus (Gênesis 1.31) nos criou iguais, à sua imagem e semelhança, a humanidade criou separações e hierarquizações. Portanto, em respeito ao Criador e à sua criação, é papel da igreja combater as hierarquizações e as desigualdades, para honra e glória do nosso Deus Criador.

Lembrem-se de Jeremias, em seu livro de Lamentações, em que ele lamentava pela dor do povo. Sim, a igreja deve sentir o peso do racismo, a dor do racismo e combater esse pecado contra a criação de Deus! Não fechemos os olhos para uma realidade que maltrata tantas pessoas que são criadas à imagem e semelhança de Deus!

“Até os chacais abaixam o peito, dão de mamar aos seus filhos; mas a filha do meu povo tornou-se cruel como as avestruzes no deserto” (Lm 4.3).

## Referências bibliográficas

- ALMEIDA, Silvio. **Racismo Estrutural**. Ed Letramento. São Paulo. 2018
- GONZALEZ, Lélia. **Racismo e sexismo na cultura brasileira**. <http://tiny.cc/45f1tz>.
- GONZÁLEZ, Lélia. **A Democracia Racial: Uma Militância**. Entrevista à Revista Seaf, 1982.



# **RACISMO: COMPREENDENDO TERMOS E CONCEITOS PARA O SEU ENFRENTAMENTO**

**EDSON FABIANO**

# 02

*O texto propõe uma discussão no âmbito do racismo estrutural, buscando compreender conceitos e termos comumente utilizados acerca da temática. Pensar o tema racial, na atualidade, é discutir pautas importantes, necessárias, no contexto em que vivemos. O fundamentalismo, bem como a intolerância religiosa, são alguns pontos que atravessam a temática. Falar de racismo e luta antirracista no contexto brasileiro é falar da dominação imposta pelo sistema escravista que se impôs através da colonização. A racialização humana e a demonização da cultura africana por parte dos colonizadores serviram como instrumentos para oprimir mulheres e homens negros.*

*Concordamos com o advogado e filósofo Sílvio Luiz de Almeida, ao nos lembrar que:*

*Há grande controvérsia sobre a etimologia do termo “raça”. O que se pode dizer com mais precisão é que seu significado sempre esteve ligado, de alguma forma, ao ato de estabelecer classificações. Entretanto, a noção de raça como referência a categorias distintas de seres humanos é um fenômeno da modernidade, que remonta aos meados do século XVI. No século XVI, verificam-se algumas condições históricas que farão nascer a ideia de “homem universal”, ao mesmo tempo em que será colocado o problema da multiplicidade da condição humana. Se, antes, ser “homem”, relacionava-se ao pertencimento a uma comunidade política ou religiosa, a expansão econômica mercantilista e a descoberta do novo mundo, forjaram a base material, a partir da qual, a cultura renascentista iria refletir sobre a unidade e a multiplicidade da existência humana. (ALMEIDA, 2018, p.19).*

Utilizaremos algumas possibilidades de leituras para a compreensão do assunto proposto, sem a pretensão de esgotar o tema. Inicialmente, desejamos expor algumas definições acerca dos conceitos racismo, preconceito e discriminação. Acreditamos ser necessário revisitarmos algumas ideologias que legitimaram o racismo no Brasil, caminhos iniciais possíveis para abordarmos a questão. Procuraremos, como forma didática, analisar tais conceitos, relacionando-os a três ideologias do séc. XIX. Trata-se de uma questão metodológica para a compreensão do tema, não sendo, necessariamente, uma norma a ser seguida. Dessa forma, a partir do panorama apresentado, pensaremos acerca da

necessidade de lançarmos, ainda que superficialmente, olhares aos vários estudos e bibliografias disponíveis acerca do assunto, produções de importantes intelectuais que contribuíram, e ainda contribuem, para a construção de outras epistemologias (conhecimentos) acerca do tema, sobretudo numa perspectiva decolonial, ou seja, desprovida da ótica colonizadora eurocêntrica. As reflexões propostas neste texto correspondem a uma perspectiva de reconhecimento do legado deixado por mulheres e homens negros, que tiveram, através do açoite e da chibata, representações de resistência ancestral. Sendo assim, o texto corresponde a um olhar negro, movido pela esperança!

## Compreendendo conceitos e termos: uma história de opressão

A condição histórica social dos negros e negras trazidos, compulsoriamente, do continente africano e submetidos à escravização no Brasil não está dissociada do paradigma econômico e político dos séculos XV e XVI, ou seja, a expansão territorial com fins econômicos, que trouxe para países da Europa, como Portugal, a iniciativa de explorar novas terras. A legitimação para a exploração de países do continente africano, pelos portugueses, estava fundamentada em pensamentos e construções formuladas pela racialização do ser humano que, posteriormente, negaria às africanas e aos africanos escravizados, cidadania e humanidade em terras brasileiras. A construção do pensamento ideológico racista no Brasil, no qual negros e negras, devido à cor de sua pele, eram inferiores aos brancos, foi associada a perspectivas que, posteriormente,

### Procurando entender...

Penso ser indispensável para compreendermos os conceitos de racismo, preconceito e discriminação, procurarmos entender como se deu o processo escravista no Brasil. A violência da escravização, ação sofrida pelos negros e negras nas Américas, teve como princípio a intenção fundamental de coisificar os africanos e seus descendentes, tiran-

teriam sua ratificação pela ciência, no séc. XIX: o darwinismo social, o determinismo e o positivismo. Essas três ideologias serviram como base para a estruturação do sistema escravista brasileiro.

Para além da concepção de “civilizar” homens e mulheres africanos, que eram considerados inferiores e incapazes de protagonizar suas próprias vidas, estava a ideia de conduzi-los à crença religiosa de seus opressores, como caminho para a salvação de suas almas. Quanto a essa questão, a Teologia Negra produzida posteriormente, sobretudo no âmbito eclesial protestante, pode melhor nos ajudar nessa compreensão, a partir das epistemologias do povo negro. Como dissemos, os conceitos e os mecanismos de dominação que foram forjados com a finalidade de oprimir e desumanizar aqueles e aquelas que seriam escravizados em terras brasileiras serão os pontos que desejamos trilhar através desse texto em busca de compreensão.

do-os das suas casas e famílias, para enclausurá-los em senzalas, com ínfimas rações de comida e, posteriormente, após a abolição, subjugá-los em favelas, levando-os a habitarem barracos de madeiras, com o mínimo possível para suas necessidades básicas.

Como sabemos, a escravidão foi o grande combustível para o desenvolvimento do capitalismo. A despeito da sórdida condição im-

posta aos negros e negras da diáspora africana no Brasil, os descendentes dos escravizados construíram uma cultura singular, contrariando o darwinismo social que nos fazia acreditar na existência, em nossa sociedade, de uma

classe de pessoas superiores a outra. Diante disso, surge, então, a Cultura Negra, trazendo para o Novo Mundo tecnologias milenares, saberes, sentimentos e vivências transmitidas pela cultura oral ancestral. Sendo assim:

*Podemos dizer que o racismo é uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertençam. (ALMEIDA, 2018, p.25)*

Não devemos esquecer que, para o povo negro no Brasil, a luta racial foi, e ainda é, um longo processo de resistência, ainda que veladamente excluídos dos processos políticos de mobilização econômica e social, pois o racismo é estrutural! Os descendentes dos escravizados são “os condenados da terra”, como nos diz Frantz Omar Fanon, filósofo e psiquiatra negro, um dos maiores pensadores do século XX, que tratou acerca dos temas da descolonização e da psicopatologia da coloni-

zação em seus trabalhos. Fanon nos brindou com produções literárias magníficas, dentre as quais destacamos “Os Condenados da Terra”, de 1961, e “Pele Negra, Máscaras Brancas”, de 1952. Essas contribuições de Fanon reacendem em nossos corações e em nossa existência cotidiana a importância da herança da nossa cultura negra e diaspórica, pois “falar é estar em condições de empregar certa sintaxe (...), sobretudo, assumir uma cultura” (FANON, 2008, p. 33). Devemos lembrar que:

*A cultura negra pode ser vista como uma particularidade cultural, construída historicamente por um grupo étnico/racial específico, não de maneira isolada, mas no contato com outros grupos e povos. Essa cultura faz-se presente no modo de vida do brasileiro, seja qual for o seu pertencimento étnico. Todavia, a sua predominância se dá entre os descendentes de africanos escravizados no Brasil, ou seja, o segmento negro da população. (GOMES, 2003, p. 77).*

Os negros e negras no Brasil, principalmente os que viveram durante o sombrio período da ditadura, assumiram - não obstante às perseguições policiais e a discriminação de uma sociedade, cuja estrutura ainda escravocrata - seu lugar de fala, através da literatura e da arte, vozes negras insurgentes! Nomes como Abdi-

as Nascimento e Lélia Gonzalez estão na memória de homens e mulheres negros, na contemporaneidade, como produtoras e produtores de cultura, de epistemologias afrocentradas e libertadoras. Nesse caso, devemos destacar Sueli Carneiro, Muniz Sodré, Conceição Evaristo, Carolina Maria de Jesus e tantos outros!

## ©Racismo

*A construção do arcabouço jurídico brasileiro esteve pautada no pensamento científico de sua época, sustentado pelas ideologias do século XIX, como, por exemplo, o darwinismo social, o positivismo e o determinismo, e corroboravam as teses de pesquisadores, médicos e juristas na formulação do racismo científico eugenista, nomes como Nina Rodrigues, Sílvio Romero, Tobias Barreto, que eram referências nesse sentido, bem como a figura do cientista italiano Cesare Lombroso, criminologista, higienista, psiquiatra e antropólogo, cujas ideias racistas se espalharam pela Europa e chegaram ao Brasil, através dos pesquisadores brasileiros citados. O racismo científico buscava na ciência evidências para fundamentar e, posteriormente, legitimar crenças desumanas e genocidas. Objetivamente, conforme a teoria de Lombroso, o fenótipo de corpos negros e pardos era, potencialmente, de indivíduos criminosos. Preconizava, assim, o racismo científico.*

A primeira Constituição do Brasil, de 1824, em seu artigo 6º, que versa a respeito da pauta “são cidadãos brasileiros”, demonstra a exclusão velada de homens e mulheres negros como não cidadãos, bem como seus descendentes, que foram, compulsoriamente, escravizados em terras brasileiras. O artigo 6º, parágrafo 1º, refere-se ao tema, *quem seria cidadão brasileiro*. O artigo traz um con-

ceito altamente desagregador, no qual, o filho de pai “livre” é nomeado socialmente como “ingênuo”, assim eram consideradas todas as crianças pretas filhos dos libertos. O conceito legal impõe aos descendentes dos escravizados sua indissociável ligação a uma herança escrava. “Libertos” são aqueles que nasceram escravizados em terras brasileiras, porém, tiveram liberdade. A alforria era a forma dos

escravizados terem sua liberdade “concedida” pelos seus proprietários, que poderia ser revogada a qualquer instante, e o negro liberto poderia perder sua “cidadania”, caso sua liberdade fosse revogada. Nesse caso, o negro, quando atingia a condição de cidadão, não tinha garantias legais de que sua liberdade seria definitiva. Diante desse contexto, algumas questões emergem: em algum momento, o “ingênuo”, no uso legal de sua cidadania, não poderia ser confundido com o liberto? Qual seria o mecanismo para distinguir um do outro?

Hoje, no século XXI, a cidadania do povo negro tem sido respeitada, considerando que a

cada 23 minutos um jovem negro é assassinado? O atual termo *Black Lives Matter* (Vidas Negras Importam) reacende a discussão acerca do debate antirracista com o propósito de cobrar das autoridades, sobretudo da segurança pública, que resguardem a vida do povo negro. Considerando os dados oficiais, que mostram, estatisticamente, expressivo extermínio de negros e negras em nossa sociedade, relativizar esse importante movimento de enfrentamento ao racismo, dizendo “vidas humanas importam”, não contribui para a potencialidade do debate, pois todos nós sabemos a cor da pele de uma vítima da “bala perdida”. Dessa forma, devemos saber que:

*Ocorre que nenhum cientista ou qualquer ciência, manipulando conceitos como fenótipo ou genótipo, pode negar o fato concreto de que, no Brasil, a marca é determinada pelo fator étnico e/ou racial. Um brasileiro é designado preto, negro, moreno, mulato, crioulo, pardo, mestiço, cabra - ou qualquer outro eufemismo; o que todo o mundo compreende, imediatamente, sem possibilidade de dúvidas, é que se trata de um homem-de-cor, isto é, aquele assim chamado descende de escravos africanos. Trata-se, portanto, de um negro, não importa a gradação da cor da sua pele. Não vamos perder tempo com distinções supérfluas... (NASCIMENTO, 1978, p.48).*

Infelizmente, a mentalidade colonial e escravista, de tempos passados, ainda ocupa espaços em nosso país, que vive sob a crença da democracia racial, um mito que não condiz com a realidade do povo negro brasileiro. A

construção do sistema escravista que durou mais de três séculos faz parte da construção socio-estrutural do nosso país. Somos um país racista!

## Preconceito

*A palavra preconceito significa uma concepção prévia acerca de determinada questão. Dessa forma, podemos dizer que todos nós carregamos em nossa constituição, enquanto seres humanos, preconceitos. No entanto, considerando a temática em questão, proposta nessa análise, a partir da perspectiva do racismo, entendemos que:*

*O preconceito racial é o juízo baseado em estereótipos acerca de indivíduos que pertençam a um determinado grupo racializado e que pode ou não resultar em práticas discriminatórias. (ALMEIDA, 2018 p. 25)*

*O preconceito, digo, o julgamento preestabelecido acerca de uma pessoa devido à sua origem étnica é, sem dúvida, a mais concreta evidência de preconceito racial. Exemplo: dizer que os negros possuem predisposição a serem violentos, que orientais são grandes lutadores de artes marciais é, nesse caso, reforçar a ideologia determinista que estaria a serviço do racismo. É lamentável como as pessoas, em sua maioria negra, que moram nas favelas, morros e comunidades carentes, sofrem com o preconceito racial, muitas vezes implementado pela força armada da segurança pública, que estabelece, através de suas ações por vezes violentas, a necropolítica, na qual o Estado exerce o controle e classifica quem deve viver ou morrer, quando, na verdade, seu papel deveria ser o de criar, nesses espaços carentes, possibilidades de políticas públicas para a superação e erradicação da pobreza, mas o preconceito racial que permeia, desde muito tempo, as instâncias de poder do nosso país insiste em manter o povo negro excluído dos processos de construção de sua cidadania.*

## Discriminação

Sem dúvida, uma das maiores tristezas que ainda vemos em nossas relações sociais, é a discriminação. Sabemos que o verbo *discriminar* significa distinguir, colocar à parte algo ou alguém, motivado por algum critério. Porém, quando uma pessoa é classificada como inferior, por causa da cor de sua pele, nós es-

tamos falando de discriminação racial. Esse crime, que tem suas raízes históricas, serviu e serve como mecanismo para manter homens e mulheres negros excluídos dos processos de organização política e social do nosso país. A ciência moderna, através do *positivismo*, se estabeleceu como detentora da verdade, uma forma de poder legitimada pelo homem europeu branco. Logo, todo tipo de expressão científica

e cultural não poderia vir de um negro, pois, cientificamente, a cor da sua pele e seu fenótipo

eram “cientificamente provados” como de um ser inferior. Entendemos então que:

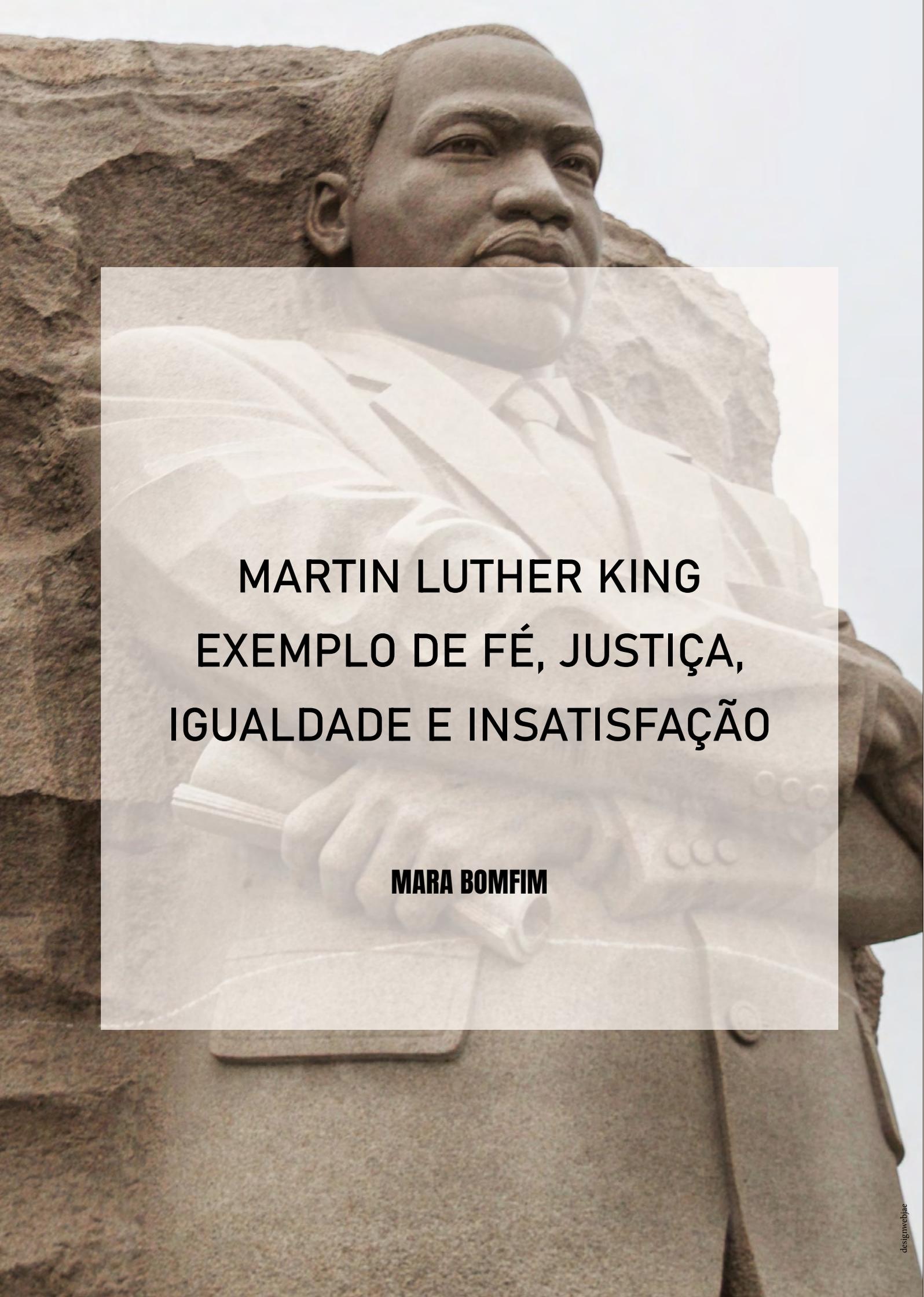
*A discriminação racial, por sua vez, é a atribuição de tratamento diferenciado a membros de grupos racialmente identificados. (ALMEIDA, 2018, p. 25)*

Finalizando, é necessário o enfrentamento contra o racismo. Nós, negros e negras, devemos continuar ocupando o nosso espaço nas universidades, nas instâncias de poder de nossa sociedade e, sobretudo, legitimando o nosso lugar de fala. O enfrentamento está em estabelecermos mecanismos de resistência, diante da negação de políticas públicas e sociais que permeiam as estruturas racistas de nossa sociedade! Esse é o

poder da reflexão de negros e pobres, cujas vozes estão clamando, há séculos, por uma sociedade mais ética e humana. Bom caráter e respeito ao outro não são qualidades exclusivas a uma determinada classe de nossa sociedade. Acreditamos que podemos dar um passo além daquele pré-determinado pelos grupos econômicos que ditam a regra e o caminho que devemos seguir... Apenas queremos caminhar!

### Sugestão de leitura

- GOMES, Nilma Lino. **Cultura negra e educação**. In: Revista Brasileira de Educação, nº 23, 2003.
- NASCIMENTO, Abdias do. **O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.
- ALMEIDA, Sílvio Luiz de. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018.
- FANON, Frantz. **Pele Negra, Máscaras Brancas**. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.



**MARTIN LUTHER KING  
EXEMPLO DE FÉ, JUSTIÇA,  
IGUALDADE E INSATISFAÇÃO**

**MARA BOMFIM**

# 03

*“Corra, porém, a justiça como as águas, e a retidão como o ribeiro perene”  
(Am 5.24)*

*Daremos início ao nosso estudo mencionando trechos do histórico e mais inspirador discurso do pastor batista e ativista político norte-americano Martin Luther King Jr.: o seu discurso de posse como presidente da Associação para o Progresso de Montgomery. Ele disse:*

*“Estamos aqui esta noite por um motivo sério. Estamos aqui, num sentido geral, porque, em primeiro lugar e acima de tudo, somos cidadãos americanos e estamos determinados a reivindicar nossa cidadania na plenitude de seu significado.*

*Também estamos aqui por nosso amor pela democracia, por nossa crença profunda em que a democracia, uma fina folha de papel convertida numa ação robusta, é a melhor forma de governo que existe sobre a terra...*

*Vocês sabem, meus amigos, chega um momento em que as pessoas ficam cansadas de serem esmagadas pelos pés de ferro da opressão, cansadas de serem atiradas no abismo da humilhação, onde vivenciam a desolação de um desespero perturbador. Chega um momento em que as pessoas ficam cansadas de serem afastadas da radiosa luz solar do verão da vida e abandonadas em meio ao frio agudo do inverno alpino.*

*E não estamos errados. Não estamos errados no que fazemos. Se estamos errados, a Suprema Corte desta nação está errada. Se estamos errados, a Constituição dos Estados Unidos está errada. Se estamos errados, Deus Todo-Poderoso está errado. Se estamos errados, Jesus de Nazaré foi simplesmente um sonhador utópico que nunca desceu à terra.*

*E estamos determinados, aqui em Montgomery, a trabalhar e lutar até que a justiça flua como a água e a virtude como uma corrente poderosa.*

*Quero dizer que, em todas as nossas ações, devemos permanecer unidos. A unidade é a grande necessidade deste momento e, se estivermos unidos, poderemos obter muitas das coisas que não apenas desejamos, mas que, com justiça, merecemos.*

*E não deixem ninguém os assustar. Não temos medo do que estamos fazendo, pois estamos agindo dentro da lei. Em nossa democracia americana, nunca devemos pensar que estamos errados ao protestarmos. Nós nos reservamos esse direito. Nós, os deserdados da terra, nós que, por tanto tempo, temos sido oprimidos, estamos cansados desta travessia da longa noite do cativo.*

*E agora estamos chegando ao alvorecer da liberdade, da justiça e da igualdade. Posso dizer a vocês, meus amigos, aproximando-me do final, que devemos manter Deus na linha de frente. Sejam cristãos em todos os nossos atos.*

*Mas quero lhes dizer esta noite que não nos basta falar sobre o amor. O amor é um dos pontos fundamentais da fé cristã.*

*Há um outro lado chamado justiça. Ao lado do amor, está sempre a justiça, e só estamos usando as ferramentas que ela nos proporciona. Não apenas estamos usando as ferramentas da persuasão, mas viemos a perceber que precisamos empregar as ferramentas da coerção. Esse é não somente um processo educativo, mas também um processo legislativo.*

*De pé e sentados aqui nesta noite, preparando-nos para o que nos espera adiante, sigamos com a implacável e corajosa determinação de permanecermos juntos. Vamos trabalhar juntos. Aqui mesmo em Montgomery, quando os livros de história estiverem sendo escritos no futuro, alguém terá de dizer: “Ali viveu uma raça de pessoas, um povo negro, de cabelo lanoso e pele escura, um povo que teve a coragem moral de lutar por seus direitos. E que assim injetou um novo significado nas veias da história e da civilização.”*

## *Martin Luther King Jr.- Negro e Presente!*

*Prêmio Nobel da Paz em 1964, o pastor batista tornou-se um dos mais importantes líderes do movimento pelos direitos civis dos negros norte-americanos. Pregava a não violência e o amor ao próximo, enquanto se tornava um ativista político ferrenho, conhecido nos Estados Unidos e no mundo.*

*Nasceu em 15 de janeiro de 1929, em Atlanta, Geórgia, EUA. Era filho e neto de pastores batistas e, pelo exemplo de seu pai, avô e bisavô, resolveu seguir pelo mesmo caminho. Graduou-se em Teologia no ano de 1951 pela Universidade de Boston e foi ordenado em 1954, assumindo o pastorado de uma igreja na cidade de Montgomery, no Alabama no mesmo ano.*

*King gostava de afirmar que sua saúde era inabalável, mas, em 4 de abril de 1968, com apenas 39 anos, foi crivado de balas na sacada de um hotel em Memphis, Tennessee. Pouco tempo depois, James Earl Ray, um fugitivo da Penitenciária Estadual do Missouri, assumiu o crime, foi preso, julgado e condenado a 99 anos de prisão, onde morreu em 1998 aos 70 anos de idade.*

27

### **A luta pela justiça – Black lives matter!**

Desde jovem, King desenvolveu plena consciência da situação dos negros de seu país, em especial nos estados do Sul, e, apesar de ter sido criado numa família estável financeiramente e nunca ter passado necessidades, Martin Luther King sentia literalmente na pele o peso da discriminação e da segregação racial. Ele via o seu povo padecer debaixo do pesado sistema discriminatório norte-americano e sabia que, para uma boa parcela da

sociedade branca norte-americana, vidas negras não tinham a menor importância.

Assim, apesar de ter percebido as diferenças muito cedo, foi em 1955 que ele começou sua luta pelo reconhecimento dos direitos civis dos negros norte-americanos, com métodos pacíficos, tendo como inspiração as figuras de Mahatma Gandhi, Nelson Mandela e Henry David Thoreau. Em sua autobiografia, ele

escreveu: *“Nunca consegui me adaptar a salas de espera separadas, restaurantes e lanchonetes separados, sanitários separados, em parte porque separado sempre significava desigual e em parte porque a própria ideia de separação mexia de alguma forma com meu senso de dignidade e respeito próprio”*.

Que desabafo! Sua insatisfação com tudo o que estava acontecendo com a comunidade negra nos EUA era latente. King sabia que não era possível conformar-se e que deveria lutar por justiça e igualdade. Ele não se sentia satisfeito por ser de uma família financeiramente estabilizada. Não se satisfazia porque podia ir à igreja (de negros) aos domingos.

King queria mais! Ansiava por ver seus irmãos não serem maltratados e presos. Sonhava em ver seus quatro filhos *“não serem julgados pela cor da pele, mas pelo teor do caráter”*.<sup>2</sup> Ele sonhava que, por meio da fé e do amor, *“seria possível transformar os acordes dissonantes da nação norte-americana numa bela sinfonia de fraternidade”*.

É bom destacarmos que vivemos igualmente numa situação similar aos tempos de King. Os negros norte-americanos, assim como os

do resto do mundo, ainda não estão livres e nós ainda somos alijados de direitos, abordados e abordadas com maior frequência. Temos os nossos pescoços pisados por brancos até pararmos de respirar. Estamos diariamente gritando nas periferias das grandes e pequenas cidades do nosso país: *“I can’t breathe”* (“Não consigo respirar!”) - slogan do movimento Black Lives Matter (“Vidas Negras Importam”). Estas foram as palavras de Eric Garner e George Floyd, afro-americanos mortos sufocados por policiais brancos durante prisões em 2014 e 2020. Lá como cá, ainda somos vistos como aberrações da natureza ou macacos, como gostam de gritar em estádios de futebol pelo mundo afora. Ainda precisamos de cotas para entrarmos nas universidades públicas. Os nossos salários e empregos ainda são inferiores.

Podemos, então, fazer nossas as palavras e as lutas de King. Ainda não estamos livres! Ainda é preciso dar continuidade à luta, como ele mesmo escreve neste magnífico discurso: *“Chega um momento em que as pessoas ficam cansadas de serem esmagadas pelos pés de ferro da opressão, cansadas de serem atiradas no abismo da humilhação, onde vivenciam a desolação de um desespero perturbador. Chega!*

## As inquietações de um pastor indignado

*Sobre o discurso, objeto da nossa reflexão, classificado por ele mesmo como: “O discurso mais decisivo da minha vida”, ele escreve: “Tendo menos de quinze minutos pela frente, comecei a preparar um esboço. Em meio a isso, contudo, defrontei-me com um novo e grave dilema: como poderia fazer um discurso que fosse, ao mesmo tempo, suficientemente militante para manter meu povo estimulado a uma ação positiva e suficientemente moderado para que seu fervor se mantivesse dentro de limites controláveis e cristãos? Sabia que muitos negros eram vítimas de um amargor que poderia facilmente alcançar proporções excessivas. Que poderia eu dizer a eles para mantê-los corajosos e preparados para uma ação positiva, mas afastados do ódio e do ressentimento? Será que o militante e o moderado poderiam combinar-se num único discurso?”*

Num contexto em que seres humanos eram segregados e mulheres idosas obrigados a cederem lugar no ônibus para jovens de pele branca; em que crianças eram obrigadas a se afastar de seus melhores amiguinhos, apenas por serem negras; em que os lugares comuns eram marcados com placas escritas “apenas para brancos”, era natural que, apesar do medo que King confessou sentir, a consciência de igualdade e justiça saltasse feroz para fora de seu peito e superasse qualquer medo.

Ele se levantou contra a injustiça e inquietou-se, indignou-se, porém sem ódio, sem rancor, sem o desejo de vingança. Seu coração batia e ansiava por justiça, por uma sociedade sem separatismos e divisões.

No contexto em que vivemos na sociedade brasileira, onde estamos sendo mar-

cados como a geração do ódio, de posições extremas em todos os aspectos, como não tomar como exemplo a vida, sentimentos e atitudes deste homem? Como não imitar Luther King tanto em suas inquietações e desejo de justiça como em sua resiliência e atitude cristã? Como cristãos, “*que poderia eu dizer [aos outros] para mantê-los corajosos e preparados para uma ação positiva, mas afastados do ódio e do ressentimento?*”

Indignado, sofrendo injustiças e vendo o seu povo sofrer terrivelmente, ele se inspirou na vida e obra de homens que jamais praticaram a violência ou pegaram em armas, seguindo o caminho da paz.

Nos discursos, ao mesmo tempo em que incitava o povo negro a não se conformar, orientava seus irmãos a amarem ao próximo e

a marcharem desarmados em manifestações ou, até mesmo, a não levantarem os olhos diante de provocações.

Mas como é possível que feridas tão profundas, causadoras de tanto sofrimento físico e emocional, produzam no coração do ser humano ações de paz e amor ao próximo tão visíveis quanto as produzidas no coração de King?

Sobre isso, ele escreve: *“Meus pais sempre me disseram que eu não devia odiar os brancos. Ao contrário, que era meu dever, como cristão, amá-los. Uma pergunta surgiu em minha mente: como eu podia amar uma raça de pessoas que me odiavam e que tinham sido responsáveis pelo rompimento de minha amizade com um de meus melhores amigos de infância? Essa continuou sendo, por alguns anos, uma grande pergunta em minha mente”*. A resposta, então, é apenas uma: apesar das dúvidas e medos, King tinha bases sólidas, pois ele conhecia o Deus justo e, por isso, lutava por justiça.

## King e Amós, uma luta em favor das minorias

Por último, destacamos uma frase do discurso de King que nos remete ao texto do profeta Amós e que nos parece servir de inspiração ao pastor ativista: *“Estamos determinados, aqui em Montgomery, a trabalhar e lutar até que a justiça flua como a água e a virtude como uma corrente poderosa”*.

É muito claro, que ele está fazendo referência ao texto de Amós 5.24. Aliás, esse profeta foi como King um grande símbolo de luta pelas minorias de sua época. Boiadeiro simples e plantador de sicômoros em Tecoa (7.14), Amós profetizou no Reino do Norte, por volta de 760 a.C., no reinado de Jeroboão II, contra a idolatria e a injustiça social.

Como King, Amós estava insatisfeito com os desmandos do palácio, a idolatria e a omissão dos religiosos, ou do templo e, por isso, bradava: *“Corra, porém, a justiça como as águas, e a retidão como o ribeiro perene”*. Amós, o grande incômodo do rei e dos sacerdotes. King, o homem que foi brutalmente assassinado por ousar falar contra a supremacia branca norte-americana.

## Conclusão

No decorrer da história, Deus tem levantado homens e mulheres para lutarem pela justiça e igualdade entre os seres humanos. Profetas e profetisas foram determinantes na história do povo de Israel. Pastores, pastoras, missionários e missionárias foram essenciais na liderança da luta na história moderna. O que nos faz concluir que, neste tempo, Deus tem chamado os cristãos e as cristãs para uma

missão igual, pois ainda não estamos livres da injustiça e desigualdades geradas pelo pecado que permeia o coração humano.

Precisamos levantar a nossa voz porque ainda há muito o que fazer! De Amós a King, de Mandela a Elizabeth Eckford, Deus está agindo na história e, em Jesus Cristo, nos convoca a lutar.

### *Reflitam:*

*A Igreja do Senhor deve ser a expressão da luta pela justiça em favor das minorias. Nós, a igreja, devemos ser a boca de Deus a bradar pelo exercício do amor ao outro. O medo e o conformismo não devem nos calar. “Corra, porém, a justiça como as águas, e a retidão como o ribeiro perene”.*

*Que o Senhor tenha misericórdia de nós!*

## Referências

- <sup>1</sup> MARTIN LUTHER KING - *Um Apelo à Consciência: Os melhores discursos de Martin Luther King por: CLAYBORNE CARSON E KRIS SHEPARD;*
- <sup>2</sup> A Autobiografia de Martin Luther King.



“

# A IPIB E O RACISMO

**LEONTINO FARIAS DOS SANTOS**

# 04

*A Igreja Presbiteriana Independente do Brasil tem no Rev. Eduardo Carlos Pereira, que foi um de seus fundadores, uma grande referência de luta contra o racismo. Em 1886, Eduardo Carlos Pereira publicou um livreto com 44 páginas, sob o título “A religião cristã em suas relações com a escravidão”. Nesse trabalho, tendo como fundamento bíblico textos do Antigo e do Novo Testamentos, Pereira denuncia a escravidão como pecado, critica o sistema escravista como injusto, como uma afronta a Deus e ao ser humano e, profeticamente, apela para os crentes no sentido de que libertem os seus escravos. Também desafia os pastores de sua época no sentido de que não fiquem em silêncio diante desse pecado. Textualmente ele observa: “Por que o silêncio medroso ante um crime tão grave? O silêncio do púlpito não é prudência: é infidelidade. Pregue-se o Evangelho... e no dia que ele plantar-se no coração do senhor (de escravos) cairão por terra as cadeias de seus escravos...”.*

*O momento histórico no qual o livro de Eduardo Carlos Pereira foi lançado era de discussões e lutas contra a escravidão, sendo esta uma das fortes expressões do racismo contra os negros no Brasil.*

## Retrospecto histórico do racismo no Brasil

O racismo no Brasil resulta das mesmas causas que o determinaram na América Espanhola. Diferentemente do que ocorria na Antiguidade, na qual a discriminação baseava-se em diferenças religiosas, de nacionalidade ou de linguagem, essa discriminação, no Brasil, era feita em relação à cultura e ao diferente, incluindo-se aqui as diferenças marcantes de traços físicos e cor da pele. No começo do século XVI, os colonizadores que chegaram ao Brasil (portugueses), trouxeram em sua bagagem cultural ideologias do ponto de vista social, político, econômico e teológico pseudo-científicas, explicações consideradas lógicas, para justificar a origem do racismo. Tinham as mesmas características, fundamentos e princípios já usados na Europa, também baseados em equívocos teológicos a partir de textos bíblicos do Antigo Testamento, que se transformaram em doutrina tendenciosa que se desenvolveu entre teólogos fundamentalistas.

O equívoco teológico dos europeus sobre a discriminação racial tornou-se forte motivo para se defender a escravidão do negro no Brasil. A fundamentação bíblica estava na história de Noé que se embriagou com vinho e ficou nu diante dos filhos. Cam, um dos filhos de Noé, por ter visto o seu pai nessa situação

e por ter reagido jocosamente diante dele, foi amaldiçoado juntamente com toda a sua descendência. Os teólogos racistas concluíram, então, que os negros são descendentes de Cam. Consequentemente, são amaldiçoados e condenados à servidão e à escravidão permanentes. Outras citações bíblicas também foram objeto de exegeses equivocadas, sempre com a finalidade de justificar a escravidão dos negros e a necessidade de serem dóceis e serviçais.

Tornou-se válido no Brasil o que já acontecia na Europa desde o fim da Idade Média, início do século XVI, isto é, a divisão da população em “limpos de sangue” e “infectos”. Os negros, mestiços, cristãos-novos e indígenas foram impedidos de ocupar cargos de confiança ou de honra, sob a alegação de não possuírem tradição católica e títulos de nobreza. Os argumentos quase sempre eram de natureza teológica e social. Os negros pertenceriam a uma “raça impura”, cujo sangue se encontrava “manchado”. O desdobramento de tudo isso no Brasil resultou numa prática já conhecida entre europeus, que exigia que, para exercer certas funções públicas na sociedade brasileira (escrivão de justiça, coletor de impostos, juiz-de-fora, vereador, entre outras funções), todos deveriam comprovar que eram “limpos de sangue”, isto é, que não tinham na família qualquer membro pertencente às raças consideradas impuras.

*No século XIX também prevaleceu no Brasil o que se chamou de “mito ariano”, com raízes na Península Ibérica, quando foram realizados, em meados desse século, experimentos considerados científicos com cérebros de humanos e de símios, que deram origem a um certo número de tratados sobre as diferenças raciais. Aqui os africanos são apontados como seres biologicamente inferiores.*

Foi incorporada na sociedade brasileira a teoria do Conde Arthur de Gobineau que tivera grande impulso na Europa. Na obra de Gobineau, a raça ariana é considerada superior em relação a outros grupos raciais. Desta forma, Gobineau classifica a raça semita como inferior à ariana, que seria o puro europeu. A ideia de que o judeu é semita e, como tal, uma raça estrangeira e inferior tornou-se um princípio básico dos arianos anti-semitas. Aliada à teoria de Gobineau estava a contribuição de Houston Stewart Chamberlain, que aplicou o conceito de “raça superior” aos alemães a fim de apoiá-los em suas aspirações nacionalistas e proclamou os judeus como uma raça degenerada. É nesse contexto que Adolf Hitler se apropriou dessas ideias e as usou para demonstrar a superioridade dos nórdicos e para justificar o extremo antissemitismo do nazismo, que foi responsável pela morte de mais de seis milhões de judeus. As ideias de Gobineau e Chamberlain tiveram efeitos significativos nos Estados Unidos e no Brasil, onde serviram para exaltar e “afirmar a superioridade dos americanos brancos sobre os negros, justificar a segregação e a sujeição dos negros ao grupo branco dominante”.

Vale ressaltar que a América estava povoada de negros que foram enviados para os Estados Unidos e para o Brasil. O chamado “tráfico de negros”, iniciado em meados do século XV pelos portugueses primeiramente na Europa, foi realizado, em seguida, nas terras recém-descobertas do novo mundo.

A igreja legitimava a colonização e a escravidão com suas práticas e pregação da resignação e subserviência. Leigos e religiosos, teólogos e hierarquia chegaram a justificar a escravidão e dela usufruíram. Alguns documentos pontifícios da época, especialmente dos Papas Nicolau V (1452) e Leão X (1514), autorizavam a coroa portuguesa e, depois, a espanhola a conquistarem as terras dos sarracenos, pagãos e incrédulos, escravizando seus habitantes. A falsa noção de “guerra justa contra os inimigos de fé” trazia consigo a legitimação da escravização dos vencidos.

Não se pode negar que vozes proféticas dentro da Igreja Católica Apostólica Romana também se levantaram contra a escravização de indígenas e negros. Frei Antônio de Montesinos, Bartolomeu de las Casas, o Bispo

Antônio de Valdivieso, os padres Manoel da Nóbrega, José de Anchieta e Antônio Vieira estão entre eles. Um desses padres, referindo-se aos omissos em relação ao problema, escreveu: “Os padres que vão ao Brasil não vão

a salvar as almas, mas condenar as suas.” Vale ressaltar o ensinamento de Paulo III contra a escravidão dos índios, mas a escravização dos negros nem sempre foi rechaçada com a mesma intensidade!

## Os protestantes na luta contra o racismo

*Os protestantes somente se firmaram no Brasil a partir da segunda metade do século XIX. Em sua maioria, os missionários enviados à América Latina eram norte-americanos. Principalmente os procedentes do Sul dos Estados Unidos chegaram ao Brasil defendendo a escravidão e utilizando negros para trabalhos domésticos. Vale lembrar que, de alguma forma, esses sempre foram a favor da escravidão negra, uma das bandeiras de lutas na Guerra Civil Americana entre Estados do sul e Estados do norte dos Estados Unidos.*

*É importante considerar que, entre os protestantes brasileiros, o Rev. Eduardo Carlos Pereira, como já mencionamos, que era pastor presbiteriano, notabilizou-se pelo seu veemente protesto contra o racismo e a escravidão. Em 1886, Pereira publicou um livro sob o título *A Religião Cristã em suas relações com a escravidão*, tendo em vista que, na época, metodistas, batistas e presbiterianos eram donos de escravos.*

*Na religião protestante, a mensagem dos púlpitos ainda traz em sua retórica expressões como “o negro e rude pecado”; e nos cânticos também aparecem frases como “negros batalhões”, “meu coração era preto; mas Cristo aqui já entrou; com seu precioso sangue; tão alvo assim o tornou”. A Aliança pró Evangelização de Crianças (APEC), por exemplo, adota em seu trabalho didático, o chamado “Livro sem Palavras”.<sup>1</sup> Entre as cores referidas nesse material, está o uso do preto, que pode induzir a criança a rejeitar-se, quando negra. O preto aparece aqui como símbolo do pecado. Considerando as críticas em relação a essa posição, a APEC substituiu a palavra “preto” por “sujo”. Tal mudança faz-nos pensar que “preto” equivale a “sujo” ou “sujeira”! Em livros de ética cristã e teologia, a frase “homens de cor” continua aparecendo, até*

1. Leontino Farias dos Santos, “Educação: Libertação ou Submissão”, p.118.

*mesmo em textos escritos contra o racismo.<sup>2</sup> Certamente, há autores e tradutores que acreditam que existem homens sem cor, os brancos!*

*Há, contudo, registros históricos significativos sobre atuações de evangélicos no combate à escravidão e ao racismo. Embora parte dos missionários norte-americanos fosse indiferente a tal problema social ou até favoráveis à existência de escravos, vários documentos da época (século XIX) mostram que havia entre protestantes grande preocupação em relação à escravidão. Alguns fatos ilustram essa participação de protestantes.*

*O Prof. Duncan Reily, em sua “História Documental do Protestantismo no Brasil”, relata que Robert Kalley, da Igreja Evangélica Fluminense, em 3 de novembro de 1865, fez um sermão dirigido a um membro de sua igreja que se negava a libertar seus escravos. Por esse irmão não atender sua exortação, foi expulso da igreja. Tal rigor mostra o zelo do missionário na luta contra a escravidão. Em sua missão no Brasil, Kalley mostrou que aquele sermão contra a escravidão não era apenas um fato isolado. Dedicou-se a combater o problema em classes bíblicas de crianças e negros, evangelizando-os, ao mesmo tempo.*

*Vale ressaltar a contribuição de Ashbel Green Simonton, missionário presbiteriano que deu início ao trabalho de sua Igreja no Brasil, foi também fundador do jornal “Imprensa Evangélica”, periódico amplamente lido a partir de 1864, onde publicou vários artigos contra a escravidão. Referimo-nos também ao romancista Júlio Ribeiro, da Igreja Presbiteriana de São Paulo que, ao apresentar para o batismo um pequeno escravo, logo o libertou e, de igual modo, a sua mãe. Foi o primeiro menino escravo batizado, com registro nas atas da Igreja Presbiteriana em São Paulo e que recebeu, juntamente com a sua mãe, Carta de Alforria.*

*Lembramos também a participação da presbiteriana Amélia Dantas de Souza Melo Galvão (D. Sinhá Galvão), na luta contra a escravidão. Amélia foi mulher apaixonada pelo tema da libertação. Dotada de raros predicados, fez parte de várias comissões temáticas sobre a libertação dos escravos. Filha de José Damião de Souza Melo, um português radicado em Mossoró, no Rio Grande do Norte, foi protagonista dessa*

2. Veja-se em E. C. Gardner, “Fé Bíblica e Ética Social”, São Paulo, ASTE, 1965, p. 402. Também no texto “Albert Schweitzer por ele mesmo”, publicado pela Martin Claret Ltda., São Paulo, 1995, p. 29, entre outros.

*luta ao dar Carta de Alforria a várias mulheres escravas. Morreu em 1980 e deixou como legado sua contribuição para que Mossoró se tornasse a primeira cidade a libertar seus escravos, muito antes da Lei Áurea.*

*Apesar desses testemunhos que marcam a história de protestantes contra o racismo e do esforço e trabalho do Rev. Eduardo Carlos Pereira contra a escravidão, no final do século XIX, essas atuações não têm inspirado nossas igrejas na luta contra o racismo, em especial a IPI do Brasil, para um projeto de luta contra o racismo na sociedade e na própria igreja. Os púlpitos permanecem em silêncio sobre esse pecado! O ministério pastoral em geral comporta-se como se o problema do racismo não existisse em suas comunidades. Pouco se escreve e pouco se fala contra o pecado do racismo.*

“

**LEITURA BÍBLICA  
ANTIRRACISTA**

**JOSÉ ROBERTO CRISTOFANI**

**BÍBLIA  
SAGRADA**  
NOVA VERSÃO TRANSFORMADORA

LETRA GRANDE

# 5

*O tema proposto pelo título é muito amplo e precisamos de muito mais espaço do que temos. Por isso, queremos fazer uma reflexão bíblica bem mais modesta aqui. Além disso, vamos abordar o racismo em textos do Antigo Testamento, já que outro autor o fará no Novo Testamento.*

*Nossa reflexão tem como objetivo fornecer quatro perspectivas de leitura das passagens bíblicas. Por que procedemos assim? Porque é bem mais importante que você tenha um direcionamento para se aproximar dos trechos bíblicos do que nós entregarmos uma leitura pronta do mesmo. E depois, com esses direcionamentos em mãos, você poderá exercitar a leitura proposta em outros textos bíblicos.*

## Textos bíblicos sobre racismo

Para sermos claros e honestos, a Bíblia não aborda o tema do racismo como nós o entendemos hoje, especialmente contra os negros, que é o tema central desta publicação. Mas tanto o Antigo quanto o Novo Testamentos trazem muitas exortações sobre o amor e o respeito que devemos a todas as pessoas. Mesmo assim, em se tratando de negros, há passagens bíblicas que mencionam a cor da pele ou a procedência étnica de algumas pessoas, sem fazer nenhum julgamento sobre elas por causa disso.

Por exemplo, há diversas personagens nas narrativas bíblicas: Zípora, a esposa de Moisés, de quem falaremos mais abaixo (Êxodo 2.21); Sulamita, em Cântico dos Cânticos 1.5 e 6; a Rainha de Sabá, que veio da África ver e ouvir Salomão (1 Reis 10.1-13); Ebede-Meleque, que tirou Jeremias do poço (Jeremias 38.6-13); Simão, o Cirineu, que ajudou Jesus a levar a cruz (Marcos 15.21); Simão Níger (Atos 13.1); o oficial etíope da rainha Candace da Etiópia (Atos 8.26-40).

Apenas a narrativa de Zípora apresenta um problema em relação à cor da pele, como trataremos mais adiante. O protesto da Sulamita de ser “negra como as tendas de Quedar” também parece dirigido para pessoas que, de alguma forma, estão se indignando contra ela. Mas essa passagem necessita de uma atenção que não podemos dar neste espaço. Os demais textos citados apenas mencionam

o fato dos personagens serem negros.

É bastante óbvio, entretanto, que podemos derivar desses trechos bíblicos conceitos de respeito, participação e comunhão de todos os povos no Reino de Deus. E você faria bem se pudesse estudar as citações acima a partir deste viés.

## Da atualidade para os textos bíblicos

Nossa sugestão de leitura é fazermos um percurso que parte da nossa realidade atual e vai em direção à Bíblia. Para isso, devemos lembrar de eventos que marcaram nossa história recentemente.

Por esses dias, ao pegarmos nosso celular na mão, ficamos paralisados diante da chocante cena, gravada por uma adolescente e que assistimos em tempo real, do assassinato lento, cruel e covarde de George Floyd, cometido por um policial violento nos Estados Unidos.

Ficamos todos chocados, sem dúvida. Mas precisamos sair desse estado de paralisia e fazermos frente a esse e a outros acontecimentos tão violentos contra as pessoas. Devemos refletir sobre eles com a Bíblia mão. E precisamos fazer isso como cristãos comprometidos com os valores do Reino de Deus, pois o racismo, neste e em muitos outros casos, acabam em violência e morte.

Não vamos fazer exatamente um estudo so-

bre o racismo e a violência que ele gera. O que desejamos é ajudar você a ler passagens bíblicas que se conectam com essa brutal realidade. Na prática, o cruel assassinato de George Floyd e de muitas outras pessoas é um fato com um potencial de mobilização e conscientização incríveis, e é uma grande oportunidade para fazermos uma reflexão séria sobre o ocorrido.

Esse acontecimento tão brutal pôs às claras, novamente, o racismo e a violência policial, para citar apenas dois aspectos do lamentável episódio. Mas não foi apenas nos EUA que milhares de pessoas foram para as ruas protestar contra a violência e o racismo. O mesmo ocorreu em outros países, até mesmo na Europa. Aqui no Brasil, os protestos contra o racismo e a violência também seguiram na mesma linha.

O racismo, especialmente contra negros aqui no Brasil, vem sempre acompanhado de sua irmã gêmea, a violência. O racismo e a violência contra os negros legados de nossa história escravista. Ainda que a violência

atinja também outras pessoas, especialmente as mais pobres e vulneráveis, o assunto do dia é a maneira preconceituosa, hostil e violenta como são tratadas nossas irmãs e irmãos negros.

Da Igreja de Cristo a sociedade espera que nos pronunciemos acerca de tal hostilidade e brutalidade. E espera que façamos isso a partir do ponto de vista bíblico, pois análises psicológicas, históricas, sociológicas, etc., a sociedade vai buscar em outras fontes com mais autoridade nessas áreas.

Portanto, nossa tarefa, como cristãs e cristãos, é elaborar reflexões sobre os acontecimentos diários do ponto de vista bíblico e chamar as pessoas para refletirem sobre o assunto também sob a ótica bíblica.

Em uma análise mais profunda, a partir da ótica bíblica, vamos buscar descobrir e revelar as dimensões ocultas que não estão aparentes na superfície, mas que estão na raiz do racismo, da violência e de muitos outros males humanos.

## E como podemos fazer isso?

Para uma reflexão sobre o racismo e a violência, levando em conta não apenas a notícia da morte absurda de George Floyd, mas o racismo estrutural e a violência institucionalizada em nosso país, propomos as seguintes quatro possibilidades de leitura bíblica que podem nos levar a diversas direções para questionar e condenar o racismo e a violência dele resultante.

### 1.

A **primeira possibilidade** que temos é ler o texto bíblico pelo viés conceitual. Procure na Bíblia um conceito universal que se oponha ao racismo e à violência.

Um dos conceitos fundamentais da Escritura é que todos fomos feitos à imagem de Deus. Lemos esta declaração universal da dignidade humana em Gênesis 1.26-27. É a partir dessa imagem divina que devemos ler todas as afirmações sobre humanidade. Não importa para a composição desta imagem de Deus a etnia, o sexo, a religião, a idade, etc., pois se trata de uma imagem interior, do sopro divino em todos nós, da dignidade, dos direitos, da beleza, da poesia, de tudo que nos faz humanos.

Esse conceito de igualdade entre as pessoas necessita ser sempre afirmado porque a cada geração haverá aqueles que se sentem mais iguais do que os outros. E o mais assustador é que eles lutam para impor seus supostos direitos e privilégios sobre os demais, seja devido à cor da pele, da condição socioeconômica, do gênero, da religião, etc. No mais das vezes, a luta que eles lutam é violenta e antidemocrática.

### 2.

A **segunda possibilidade** que temos é ler o texto bíblico pelo viés simbólico ou metafórico. Tome da Escritura um símbolo ou uma metáfora como ponto de partida.

Por exemplo: O sopro da vida é uma excelente metáfora, pois é o fôlego divino em nós:

“Formou o Senhor Deus um jardim no Éden, na direção do Oriente, e pôs nele o homem que havia formado” (Gênesis 2.7). Eis uma belíssima metáfora que pode ser trabalhada em relação ao sufocamento das pessoas que não podem respirar porque “*aqueles que as perseguem estão sobre o pescoço delas*”, como lemos em Lamentações de Jeremias 5.5.

Ouvimos muitas pessoas dizerem que estão sufocadas devido a um relacionamento ou por causa do trabalho. E hoje o sufocamento causado pelo Covid-19 é bem real. Falta o fôlego da vida para aqueles que estão necessitando de respiradores e para aqueles que literalmente estão sendo sufocados por joelhos assassinos. A mortalidade é cruel nos dois casos, tanto da doença quanto do racismo.

### 3.

A **terceira possibilidade** que temos é ler o texto bíblico pelo viés da própria realidade que o texto apresenta. Busque na Palavra de Deus um episódio similar ao acontecimento que você está analisando.

Lembramos, a partir do Antigo Testamento, de um episódio de brutalidade, crueldade e violência humanas. O fato está registrado no livro de Josué 10.16-27. Josué manda seus capitães pisarem no pescoço de cinco reis considerados inimigos, para mostrar, didaticamente, como Deus faria com todos os outros inimigos deles. Esse comportamento para com os vencidos era um ato simbólico muito comum naquela época e região. A lição do simbolismo era: “*Não temam, nem se aterrorizem, sejam fortes e corajosos, porque assim fará o Senhor a todos os seus inimigos*” (v. 25). Depois de submeter os reis a essa humilhação e sofrimento, Josué manda matar os cinco e pendurá-los em estacas até o pôr do sol.

É preciso ressaltar que não podemos avaliar uma cultura tão distante no tempo com os critérios de hoje. Contudo, há quem tente justificar atos de brutalidade, crueldade e violência apelando para a retórica da violência com base em textos do Antigo Testamento. Quem argumenta desta maneira afirma, sem nenhum pudor, que está a serviço de Deus e justifica toda violência em nome de Deus. Isso acontece em nossos dias ainda.

Lembramos aqui das palavras do Papa Francisco no ano passado. Justificar “o ódio e a violência” em nome de Deus é “uma grave profanação”. O número de ataques dos “ditos evangéli-

cos” a religiosos de cultos afros, judeus e muçulmanos vem crescendo, afirma a Revista Isto É.

## 4.

A **quarta possibilidade** que temos é ler o texto bíblico pelo viés existencial. Encontre na Bíblia uma situação na qual as pessoas experimentaram preconceito, hostilidade e violência.

Em um enigmático texto registrado em Números 12.1-16, Miriam fala contra seu irmão Moisés por dois motivos: primeiro, ela o censura porque ele havia se casado com uma mulher etíope; e segundo, ela o questiona porque Deus só falava através dele.

O texto é enigmático porque não dá detalhes sobre o motivo da censura de Miriam contra Moisés devido à mulher etíope. Mas a narrativa deixa transparecer a hostilidade de Miriam contra a nova cunhada negra. O enredo da história mostra que Miriam, ao ser punida com lepra por ter falado contra seu irmão, ficou “*branca como a neve*” (v. 10), o que não é um mero detalhe, mas um contraste muito interessante entre a pele negra da mulher de Moisés e a “branquitude” doentia de Miriam.

Racismo é uma doença social! Alguns usam a expressão “racismo é uma chaga social”, o que dá no mesmo. Tal doença é disseminada através do vírus da arrogância, do orgulho, de prepotência, da falsa noção de superioridade racial e por muitas outras atitudes, sentimentos e ideias distorcidas sobre a dignidade humana.

## Conclusão

Apresentamos quatro possibilidades de ler a notícia sobre George Floyd e, em geral, os acontecimentos lamentáveis de racismo e violência. Essas quatro perspectivas são apenas alguns dos vieses possíveis. Você certamente encontrará outros. Note que nós nos restringimos ao Antigo Testamento, pois, em geral, o

Novo Testamento é bem mais conhecido e bem mais fácil para nós, cristãos, fazermos os vínculos entre nossa realidade e os ensinamentos de Jesus. Por isso, queremos lembrar a você que é muito importante, na interpretação das passagens do Antigo Testamento, submeter nossa análise ao crivo do Evangelho de Jesus.

Para encerrarmos, nada melhor do que uma tarefa. O exercício consiste no seguinte: escol-

ha um dos textos abaixo e tente aplicar uma das quatro perspectivas que propusemos:

*“Se, todavia, fazeis acepção de pessoas, cometeis pecado, sendo arguidos pela lei como transgressores” (Tiago 2.9).*

*“Não há judeu nem grego, escravo nem livre, homem nem mulher; pois todos são um em Cristo Jesus” (Gálatas 3.28).*

*“Então, falou Pedro, dizendo: reconheço, por verdade, que Deus não faz acepção de pessoas; pelo contrário, em qualquer nação, aquele que o teme e faz o que é justo lhe é aceitável” (Atos 10.34-35).*

*“Depois destas coisas, vi, e eis grande multidão que ninguém podia enumerar, de todas as nações, tribos, povos e línguas, em pé diante do trono e diante do Cordeiro, vestidos de vestiduras brancas, com palmas nas mãos” (Apocalipse 7.9).*

*Deus abençoe grandemente você!*



**FUNDAMENTOS  
BÍBLICO-TEOLÓGICOS  
DA TEOLOGIA NEGRA.  
O QUE É TEOLOGIA NEGRA?  
QUAIS SUAS CONTRIBUIÇÕES  
PARA A IGREJA HOJE?**

**JOSÉ ADRIANO FILHO**

# 06

## *Teologia Negra e Interpretação Bíblica: desconstrução de modelos de leitura colonialista da Bíblia*

*A Teologia Negra se desenvolveu durante o século XX, a partir da experiência das diásporas dos povos africanos, marcada pela ideia de libertação e justiça em relação ao povo negro.*

*Num dos momentos do seu desenvolvimento estão as lutas do Movimento dos Direitos Civis dos negros na década de 1960, nos Estados Unidos, sob a liderança de Martin Luther King e concentrada na reflexão teológica sobre essas lutas.*

*Na Teologia Negra busca-se uma compreensão dos textos bíblicos que efetivamente responda à realidade da vida da comunidade negra, objetivando, por meio de valores cristãos, uma transformação concreta de tal realidade.*

*No Brasil, a Teologia Negra, cujo contexto de ação política envolve a defesa da vida e da dignidade de negros e negras no contexto de violência e racismo, tem no Êxodo um dos seus pontos de partida porque o grito dos homens, dos jovens negros e das mulheres negras são gritos de dor e de silenciamento.*

James Cone, teólogo que é considerado o pai da Teologia Negra, afirma que a Palavra de Deus, como testemunha da autorrevelação de Deus em Jesus Cristo, representa um polo estruturante da hermenêutica bíblica da teologia negra; a experiência negra, o outro:

*A Bíblia é a testemunha da autorrevelação de Deus em Jesus Cristo. Assim, a experiência negra requer que a Escritura seja uma fonte da Teologia Negra. Foi a Escritura que capacitou os escravos a afirmar uma visão de Deus que difere radicalmente daquela dos senhores de escravos. A intenção dos senhores de escravos era apresentar um “Jesus” que tornasse o escravo obediente e dócil. Jesus deveria fazer dos negros escravos melhores, isto é, servos fiéis dos senhores brancos. Mas muitos negros rejeitaram tal visão de Jesus, porque ela contradizia tanto sua herança africana quando o testemunho das Escrituras<sup>1</sup>.*

## Javé, um Deus libertador

A experiência negra de opressão e exploração oferece-nos a perspectiva a partir da qual podemos perceber o Deus da Bíblia como o Deus da libertação. De fato, o repúdio da Bíblia para com as condições que descrevem uma situação humana degradada manifesta-se na linguagem que utiliza para designar, em especial, pessoas e grupos sociais fragilizados, que não têm força para fazer valer o direito: o “pobre”, o “órfão”, a “viúva” e o “estrangeiro”.

A linguagem bíblica não é uma simples descrição da condição de degradação da vida humana. Ela é uma tomada de posição que rejeita tal situação e afirma que Deus se manifesta como Aquele que é solidário com as pessoas a ela sujeitas.

As leis constitutivas israelitas repudiam a “ex-

ploração e injustiça, o estar sob o domínio do outro, injustiça da qual Javé os libertou” (Ex 22.20-23, 33). No Êxodo, a mais antiga memória que Israel guarda da sua origem (Ex 1-15), Javé vê o sofrimento de um povo escravizado, ouve o seu clamor e se constitui no seu libertador.

Esta experiência de libertação de escravos, estrangeiros e hebreus está na base da construção da nova sociedade. A consciência de Israel como povo afirma-se em torno desta experiência que trouxe consequências estruturais sobre a formação da sua religião. O Êxodo, experiência geradora de consciência do povo de Israel, se constituiu no centro estruturador que determina seu modo de organizar seu tempo e seu espaço, a lógica integradora, o princípio da organização e interpretação

<sup>1</sup> CONE, James. *God of the Oppressed*. New York: Seabury Press, 1975, p. 8.

dos fatos da experiência histórica.

Os profetas de Israel reinterpretem o Êxodo, o evento libertador que serve de base às instituições de Israel, para repelir a injustiça. Lá buscam a inspiração para a construção de uma sociedade mais justa. Aceitar a pobreza e a injustiça é recair na situação de servidão anterior à libertação do Egito. Conhecer a Deus é “fazer justiça” (Dt 10.17-19; Jr 22.13-19). Deus intervém na história para fazer justiça (Ez 34).

Jesus Cristo, por sua vez, realiza a esperança de libertação anunciada pelos profetas. Ele dá atenção especial às pessoas que viviam à margem da ordem vigente: pecadores, mulheres, prostitutas, crianças, ignorantes da lei; em suma, os que eram considerados pecadores e impuros. Jesus denuncia também o uso ideológico da Lei: os que se consideravam justos e puros diante de Deus eram, em geral, os representantes dos grupos dominantes. Jesus, ao libertar estas pessoas, conscientiza-as do seu valor, devolvendo-lhes a sua identidade.

## Discernir na Bíblia as lutas entre dominadores e dominados

*Que Deus está do lado dos oprimidos e fragilizados em suas lutas por libertação é uma verdade bíblica. A luta entre Javé e Baal, por exemplo, não é apenas uma guerra ideológica que aconteceu nas mentes e nos corações dos israelitas, mas uma luta entre o Deus que se coloca ao lado dos grupos fragilizados e escravos subjugados e o Deus dos israelitas da corte, dos nobres e dos grupos sacerdotais.*

*O que significa, então, afirmar que a Bíblia é a Palavra de Deus? A resposta a esta pergunta é importante, pois, em geral, presumimos que Palavra de Deus não pode ser criticada, até mesmo à luz da experiência dos povos negros ou de qualquer outra experiência histórica de libertação.*

*A definição da Bíblia como a Palavra de Deus significa que o Deus da “lei” e “ordem” de Davi e Salomão não pode ser objeto de crítica à luz da experiência negra?*

*A luta histórica dos povos negros não pode ser conectada hermeneuticamente com as lutas dos israelitas oprimidos e explorados contra a dominação do estado monárquico israelita, sustentado pela ideologia da aliança de Davi e Sião (2 Sm 7)?*

*Não há afinidade hermenêutica entre os povos negros, os camponeses sem-terra, os trabalhadores explorados e as pessoas incluídas no “povo da terra”, que eram os seguidores de Jesus?*

*Não podemos ler apenas uma parte da Palavra de Deus e negligenciar as demais.*

*A afirmação de que a Bíblia é Palavra de Deus deve nos levar a desmascarar as manobras ideológicas que legitimam os interesses dos grupos dominantes e os convertem em verdades a-históricas, que transcendem as divisões sociais, políticas, raciais, sexuais e econômicas.*

*Historicamente falando, a igreja, mesmo quando pretendia transcender as barreiras entre grupos, classes ou pessoas, agia sob a ilusão de que participava da vida de todos esses grupos. A igreja sempre teve um papel importante na história do Ocidente. Como, em grande parte, ela foi uma igreja ligada aos grupos dominantes, sua teologia e exegese sempre representaram os interesses teológicos e exegéticos desses grupos. Soma-se a isso a esterilidade do a-historicismo de alguns métodos exegéticos que apresentam a humanidade a partir de algumas situações existenciais típicas que fornecem analogias para todas as situações históricas decorrentes da condição humana.*

*A compreensão teológica da Bíblia como a Palavra de Deus que parte da perspectiva de que a verdade não tem relação com a história entende que sua relevância política, cultural, econômica ou histórica está no fato de que ela pode ser aplicada às várias situações que envolvem a vida humana, também a vida humana negra.*

*Neste caso, sua relevância não decorre de seu próprio caráter como produto histórico, cultural, político ou econômico. Mas a a-historicidade de algumas perspectivas não podem apagar os registros e locais das lutas sociais, históricas, culturais, de gênero, raciais e ideológicas, que trazem radical e indelevelmente as marcas de suas origens e história.*

## Não permitir que os dominadores se apropriem da história dos oprimidos

A Bíblia é composta por diversas tradições, que foram produzidas numa grande variedade de situações, mas as narrativas de libertação do povo israelita não podem ser cooptadas pelos detentores do poder. Historicamente, as tradições bíblicas têm sido apropriadas por uma igreja ligada aos grupos dominantes e interpretadas de forma a legitimar os interesses de tais grupos.

Na África do Sul, a história do assentamento dos israelitas em Canaã foi utilizada para justificar a expropriação colonial dos negros pelos brancos e a manutenção de uma ideologia de superioridade dos brancos sobre os negros. As denúncias de que os brancos faziam mau uso da Bíblia não foram suficientes para capacitar os povos negros a se libertarem dessa escravidão, nem explicaram a ninguém, exceto aos beneficiários do Apartheid, por que essa tradição de conquista existe na Bíblia.

A apropriação da memória histórica bíblica pelos dominadores pode também ser vista no uso da carta de Paulo a Filemon pelos defensores da escravidão. João Crisóstomo, ao interpretar a carta, considera Onésimo um escravo fugitivo e lê Filemon como uma autorização para a escravidão. Nos seus ser-

mões, a carta torna-se evidência da apologia bíblica da escravidão.

Este modelo de interpretação foi levado adiante pelos intelectuais eclesiásticos quando os espanhóis invadiram as Américas. Para fornecer orientação teológica para a conversão de escravos, o jesuíta Alonso de Sandoval argumentou que, como os escravos serviam aos senhores espanhóis em suas necessidades temporais, estes deviam cuidar da salvação eterna deles. A instrução religiosa adequada asseguraria aos escravos um lugar no mundo vindouro e lhes mostraria que a vocação apropriada para eles era a obediência a seus senhores.

Na colônia norte-americana de Massachusetts, que pertencia ao Império Britânico, no século XVIII, o puritano Cotton Mather declara: “O estado de seus negros neste mundo deve ser baixo, duro e abjeto; um estado de escravidão. Nenhuma grande coisa neste mundo pode ser feita em favor deles. Então que algo seja feito pelo seu bem estar no mundo vindouro”. Ele também afirmou: “Um catecismo será preparado para eles; primeiro, mais curto, depois maior, próprio para suas capacidades limitadas”.

Ele era a favor de que se ensinasse os escravos a ler a Bíblia, mas, “até que isso fosse realizado”, sugeriu que eles “decorassem certos versículos particulares das Escrituras”, entre

- 
1. CALLAHAN, Allan Dwight. “A Epístola de Paulo a Filemon: uma leitura da Bíblia num estado de colonizador branco”. *Estudos Teológicos*, ano 48, n. 1, 2008, p. 103-104.
  2. Alonso de Sandoval escreveu o primeiro livro, no período colonial, sobre a escravidão dos africanos negros. O livro ficou conhecido por seu título latino *De instauranda Aethiopia salute* (Sobre a salvação dos etíopes que deve ser restaurada), 1627, 1647.

os quais aqueles que falam que os escravos devem obedecer a seus senhores. Ele recomendou a leitura da carta a Filemon não aos escravos, mas aos seus senhores, e leu a carta como exortação para os escravagistas “tornar os seus negros atentos e dispostos servos de Deus”. Esta leitura se tornou a leitura dominante na América do Norte, onde a escravidão se tornara indispensável à economia política dos colonizadores.

Historicamente, os textos bíblicos têm sido utilizados para fundamentar os interesses dos detentores do poder, que os utilizam contra os grupos fragilizados da sociedade. Nesse sentido, nosso desafio é devolver os símbolos bíblicos da libertação aos seus fundamentos sociais e históricos, para que possamos compreender concretamente os fios tanto da opressão quanto libertação em toda a sua multiplicidade e interações contraditórias.

Os textos ou relatos podem também estar fechados, esconder diferenças, ou excluir o que não é, o que difere. Para “fechar”, muitas vezes é necessário esconder o que não cabe, o que não corresponde. Para determinar o que um texto diz, os intérpretes deixam-se também guiar pela grande estrutura do relato, da grande temática da narrativa e não tanto pelos detalhes. Discrepâncias e dissidências de-

vem ser excluídas. Mas o que acontece quando o parasita, o excluído, o ilegal, o estranho já está dentro. O que acontece quando o-que-não-é, o excluído, resulta ser o fundamental para se determinar o-que-é?

Nesse sentido, a interpretação bíblica negra deve recuperar a história e as origens das lutas que os textos bíblicos apresentam, colocando-os a serviço das lutas humanas dos povos negros, em defesa das suas vidas, especialmente das vidas ameaçadas.

O extraordinário da revelação do Deus bíblico, como um apelo que vem “de fora da ordem”, um apelo como provocação e crítica, vem dos excluídos, vem do outro nas feições do perseguido, do proscrito, do povo negro. Na linguagem bíblica, vem dos grupos com direitos sociais reduzidos, como pobres, diaristas, levitas, viúvas, órfãos, forasteiros.

Jesus Cristo também anuncia o reino de Deus a partir desta aliança, de fora da ordem. Nisto está o extraordinário e a blasfêmia do evento messiânico e da sua pessoa. Jesus Cristo andava com gente que vivia à margem da ordem vigente, que eram os destinatários e protagonistas destes momentos do Reino descoberto e revelado a eles.



EL

TESTAMENTO

# FUNDAMENTOS BÍBLICO-TEOLÓGICOS DA TEOLOGIA NEGRA

**ISAAC LESSA**

# 07

*Este artigo tem como objetivo apresentar a Teologia Negra para aqueles que não estão familiarizados com o tema e também promover um diálogo com aqueles que já estão familiarizados com o assunto. Mais especificamente, o diálogo consiste em compreender de maneira resumida o pano de fundo deste movimento e os fundamentos bíblico-teológicos usados pela Teologia Negra e, finalmente, algumas contribuições desse movimento à igreja hodierna.*

## Teologia. Racismo. Negritude

*Tendo nascido em Angola, até os meus 12 anos de idade, não tinha muita experiência com o racismo, embora, olhando daqui para lá, hoje perceba raízes do racismo infiltrados em muitas práticas e narrativas na minha cultura natal. Mas foi só quando cheguei ao Brasil que, de fato, experimentei a face dolorosa do racismo. O racismo é tão violento que vai corroendo a personalidade e a identidade. Na minha experiência na adolescência, me lembro de me perguntar diversas vezes porque nasci negro. Queria ser branco, para ser “normal”, bonito e admirado.*

*A Teologia Negra teve um papel fundamental na recuperação da identidade de um povo sofrido, maltratado e desumanizado. A Teologia Negra surge como um sopro de recuperação do autorespeito, da autoestima, do valor próprio e de inconformação com o status quo, trazendo a coragem, a fé e a esperança como armas para a luta contra o modus operandi opressor. A nossa conversa nesse texto é a respeito disso.*

### O que é Teologia Negra?

Durante toda a minha adolescência na igreja e todo o período de graduação em teologia, nunca tinha ouvido ou lido qualquer coisa a respeito deste assunto. Este tema se tornou familiar somente anos depois. Como é possível alguém que estudou quatro anos em um curso teológico não tenha tido nenhum contato com este assunto?

Na faculdade de teologia, tínhamos o “cânon” dos textos e autores considerados ortodoxos, conservadores e aqueles que não faziam parte daquele cânon não eram dignos de qualquer

menção. Qualquer teologia destoante daquela tida como a “boa teologia”, a “teologia sã” e “ortodoxa” era intensamente rechaçada e lançada no lixo herético. A Teologia Negra era uma dessas senhoras irreverentes, indigna de participar do conselho da “ortodoxia conservadora”.

Vamos entender o contexto desse movimento. Afinal, nenhuma construção de ideias se faz no vácuo, todo pensamento é tecido na concretude de um chão contextual. Com esse movimento não foi diferente.

## Breve panorama histórico

*A Teologia Negra surgiu como uma resposta ao racismo e à segregação racial nos Estados Unidos, na década de 60. De maneira mais específica, a Teologia Negra foi uma resposta, ou melhor, um grito dos cristãos negros americanos contra a dominação física, econômica, política, psicológica, religiosa, cultural, social da classe branca. Essa dominação era tamanha que nem mesmo as igrejas, que deveriam ser quartéis de preparação do povo de Deus para o combate a essa malignidade, se levantavam para se opor a essa engenharia maligna. Mas, pior que isso, não apenas mantinham o silêncio do consentimento, mas muitas igrejas apoiavam o racismo e a segregação, e como se já não fosse grave o bastante, legitimavam isso usando a Bíblia.*

*Esse mal estava tão entranhado no intestino da sociedade americana que, para muitos negros, aquele status quo se tornou natural e assimilado como algo cultural. Luiz André Ramos comenta que era “um cenário de indiferença, tanto das igrejas negras quanto brancas, e do silêncio dos teólogos brancos”<sup>1</sup>. Os afro-americanos eram vistos como coisas, propriedades, “uma raça inferior inapta a manter relações e políticas com a raça branca”<sup>2</sup>.*

*Três elementos foram cruciais para o surgimento da Teologia Negra. O primeiro foi o movimento dos Direitos Civis (nas décadas de 50 e 60). Esse foi um movimento popular conduzido pelos afro-americanos, com o objetivo de conseguirem os plenos direitos como cidadãos, desafiando muitas das leis que permitiam a discriminação de maneira explícita. Esse movimento foi liderado pelo famoso pastor Martin Luther King Jr.<sup>3</sup>*

*O segundo elemento está relacionado a diversas publicações, especialmente a publicação do livro “Religião Negra”, de Joseph Washington (1964). Nesse livro, o autor argumenta a favor de uma religião negra distinta do Protestantismo branco e todas outras expressões do Cristianismo. Ele disse ainda no livro que as igrejas negras daquele período não eram igrejas genuínas. A Teologia Negra foi também uma resposta às críticas de Joseph Washington.*

*O terceiro elemento foi, o movimento “Poder Negro”. Esse grupo resultou da insatisfação e decepção de muitos negros apoiadores do movimento dos Direitos Civis liderado pelo Rev. Martin Luther King Jr. Eles abandonaram seu compromisso com a não violência e tomaram o controle político e econômico das suas comunidades.<sup>4</sup>*

---

1. Ramos, 2019, p.11

2. Ibid, p.13

3. Dunaway, p.4

4. Ibid.

## Conceituação

O contexto supracitado fornece um breve panorama do cenário do surgimento da Teologia Negra. Portanto, como se vê, a Teologia Negra está alicerçada no chão da vida, da história de pais e mães de famílias submetidos a expedientes de trabalhos forçados e desumanos, de crianças privadas do acesso às mesmas escolas das pessoas brancas. Essa teologia brota no chão do deserto de um povo acostumado a ser tratado como sub-humano.

Portanto, a Teologia Negra é “o cerne do pensamento teológico elaborado e pregado por líderes negros que lutaram pela igualdade, pelo reconhecimento dos Direitos Civis dos negros marginalizados, bem como pelo fim da escravidão e a aplicação da justiça”<sup>5</sup>. Nas palavras de Dunaway acerca dessa teologia:

Ela se concentra na reflexão teológica sobre a luta dos negros norte-americanos, liderados no princípio pelo pastor batista Martin Luther King Jr, para conseguirem a justiça e

a libertação sociais, políticas e econômicas numa sociedade dominada pelos brancos. Ela se baseia na Bíblia e nas características singulares da experiência religiosa dos negros americanos. (...) ela se distingue da Teologia da Libertação latino-americana e da teologia feminista ao evitar o uso da análise social-econômica marxista e ao concentrar-se na libertação de uma *raça* oprimida ao invés de uma classe social-econômica ou de um grupo oprimido por causa de seu sexo.<sup>6</sup>

Podemos resumir a Teologia Negra como uma atividade reflexiva baseada na Bíblia e no Cristianismo em resposta ao racismo e à segregação racial contra os afrodescendentes, que resultou em resistência e luta. Santos diz que, a Teologia Negra “trata-se de uma hermenêutica teológica antirracista, na qual a fé está organicamente vinculada às condições materiais de existência. Nela, busca-se uma compreensão dos textos bíblicos que...responda à realidade ...da comunidade negra”<sup>7</sup>.

### Fundamento bíblico-teológico

Vamos considerar dois alicerces principais nos quais estão construídos a Teologia Negra:

1. A Mensagem de Libertação, usando a experiência do êxodo e a obra de libertação profetizada por Isaías e cumprida na pessoa de Cristo;
2. A Mensagem de Integração, tendo a cruz como o elemento que desfaz as desigualdades e promove integração.

5. Ramos, p.11

6. Dunaway, p.1

7. Santos, 2018, p.3.

## A Mensagem de Libertação

A mensagem de libertação se sustenta principalmente em dois textos bíblicos. A narrativa do Êxodo e a profecia messiânica do profeta Isaías.

A narrativa do Êxodo é fundamental pelo modo como Deus se posiciona contrário à opressão e à escravidão. É nesse ponto que essa narrativa toca a experiência afro-americana e de todos os negros escravizados no mundo todo. Ronildo Pacheco afirma que:

Para a Teologia Negra, esta identificação não poderia ser diferente, mas ela se radicaliza, quase que trazendo no corpo as marcas dos açoites e das torturas nas colônias escravocratas de negros e negras ancestrais. Assim, o clamor do povo oprimido, como descrito no livro de Êxodo, ganha contornos de um *negro spiritual* sussurrando nas fazendas do sul estadunidense.<sup>8</sup>

Dentro desse escopo, o deserto adquire uma importância preponderante na Teologia Negra, na sua significação como um lugar de privação, um lugar passageiro. Porém o deserto não deixa de significar um lugar de esperança, “pois é a transição entre o desterro e a terra da promessa. Essa conexão possibilitou, por analogia, uma esperança de libertação a negros e negras escravizados”<sup>9</sup>.

O livro do profeta Isaías no capítulo 61.1 diz:

“O Espírito do Senhor soberano está sobre mim, pois o Senhor me ungiu para levar boas-novas aos pobres. Ele me enviou para consolar os de coração quebrantado e para proclamar que os cativos serão soltos e os prisioneiros, libertos”. Jesus apropriou-se desse texto, dizendo que se referia a ele. Depois de ler essa passagem Isaías, “Jesus fechou o livro, devolveu-o ao assistente e sentou-se. Todos na sinagoga o olhavam atentamente. Então começou a dizer: ‘Hoje se cumpriram as Escrituras que vocês acabaram de ouvir’”<sup>10</sup>.

Por meio desse texto, Jesus anuncia que sua missão consiste em trazer libertação aos oprimidos. Tanto a mensagem de Martin Luther King como a de James Cone<sup>11</sup> “no contexto da opressão e segregação, tinham por objetivo libertar os cativos, bem como aqueles que os mantinham cativos, sendo, portanto, uma mensagem libertadora de dupla ação”<sup>12</sup>.

## A Mensagem de Integração

O ser humano foi criado à imagem e semelhança de Deus, e essa humanidade inclui homens, mulheres, negros, pardos, brancos, amarelos e qualquer outra designação de cor existente. Todos foram criados à imagem e semelhança do criador. E o propósito do criador era o de que o ser humano dominasse a criação não humana<sup>13</sup>. Com esse propósi-

8. Pacheco, 2019, p.81-82.

9. Silva, p.60.

10. Cf. Lucas 4.20-21.

11. Considerado o pai e grande profeta da Teologia Negra.

12. Ramos, p.58.

to em vista, o domínio sobre o ser humano é algo completamente maligno, pois contrário ao propósito à natureza do ser humano. Dominar o ser humano significa desumanizá-lo.

Na cruz, Cristo desfaz as desigualdades e restaura a igualdade do princípio. Em Gálatas 3.28-29, o apóstolo Paulo diz: “Não há

*mais judeu nem gentio, escravo nem livre, homem nem mulher, pois todos vocês são um em Cristo Jesus. E agora que pertencem a Cristo, são verdadeiros filhos de Abraão, herdeiros dele segundo a promessa de Deus*”<sup>14</sup>.

A cruz torna ilegítimo qualquer discurso de supremacia ou inferioridade racial. Em Cristo, todos são um.

## Contribuições para a igreja hoje

*Uma das contribuições que a Teologia Negra fornece para a igreja hodierna é o desafio de fazer uma teologia que vai além dos temas relacionados ao futuro eterno e salvação da alma. O labor teológico precisa tocar o chão da vida. Precisa alcançar o adolescente e o jovem em crise por causa do seu cabelo que não é liso e que pensa que nunca vai conseguir namorar e ser admirado e admirada porque seu cabelo não se enquadra no padrão dos colegas de classe. A nossa teologia precisa tocar a dor desse adolescente e tantas outras dores. Isto é, precisamos responder as perguntas que estão sendo feitas e não as que não estão sendo feitas.*

*E isso está conectado com uma segunda contribuição da Teologia Negra. Os teólogos negros precisam de maior intencionalidade ao discutir, dialogar, fazer mais provocações a respeito dessa temática. Afinal, essa dor é nossa. Portanto, precisamos ser os primeiros a abrir esse diálogo, principalmente nos ambientes eclesiais. Afinal, racismo é pecado. Precisamos aprender a reconhecê-lo e a tratá-lo devidamente. Nossa sociedade carrega suas marcas de expressão do racismo e a igreja é parte dessa sociedade. Resistamos e engajemo-nos. Afinal, aos pés da cruz não existem degraus; o terreno é plano.*

13. Cf. Genesis 1.26-28.

14. NVT (Nova Versão Transformadora).

## Considerações finais

Ao longo dessa conversa, conhecemos o pano de fundo da Teologia Negra, os elementos que empurraram o seu nascimento. E falamos também acerca dos fundamentos bíblico-teológicos que norteiam esse movimento. E, como pudemos perceber, a Teologia Negra faz uso de alguns textos bíblicos para ler e significar a experiência do povo afro-americano. E mostramos também que a Teologia Negra vê na cruz o símbolo do fim da desigualdade

e símbolo da integração.

Que esse movimento nos inspire a fazer uma teologia não confinada ao escritório, mas uma teologia na rua, no Facebook, no Instagram e em qualquer outro espaço onde a opressão tenha voz. Que esse movimento nos dê ferramentas para questionar, para protestar e para lutar contra toda e qualquer manifestação da injustiça e opressão, para a glória de Cristo.

## Referências

- DUNAWAY, Filipe. A Teologia Negra: Uma Introdução. Disponível em: <<https://bit.ly/36Z4wrf>> Acesso em 28 de setembro 2020.
- PACHECO, Ronilson. Teologia Negra: o sopro antirracista do Espírito. Brasília: Novos Diálogos; São Paulo: Recriar, 2019.
- RAMOS, André Luiz. Teologia negra e filosofia do direito no pensamento de Martin Luther King JR. Tese (Doutorado em Direito Político e Econômico) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2019.
- SANTOS, Joe Marçal Gonçalves dos; Charlisson Silva de Andrade. A Teologia Negra da Libertação em James Cone: Aspectos de sua hermenêutica contextual a partir de “O Deus dos Oprimidos (1975). In Interações: Cultura e Comunidade, vol. 13, núm. 24, 2018. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Brasil. Disponível em: < <https://bit.ly/32ZrIV1>> Acesso em 28 de setembro de 2020.
- SILVA, Jonas, Euflausino da. Teologia negra: a hermenêutica dos oprimidos. Anais Eletrônicos do V Simpósio Cristianismo e Interpretações | ISSN 2595-6345. Disponível em: <https://bit.ly/35PkPaA>. Acesso em 30 de setembro 2020.



**MULHERES NEGRAS:  
A LUTA EVANGÉLICA CONTRA  
O RACISMO E SEXISMO**

**ELIAD DIAS**



# 08

*Quando comecei a pensar sobre nós negras evangélicas, lembrei dos filmes hollywoodianos que mostravam a força das mulheres negras escravizadas ou empregadas domésticas, resistindo as “desgraças” entoando cânticos gospel. Isso marcou minha vida, especialmente o filme Imitação da Vida de 1959, onde uma mulher negra, Juanita Moore ajuda uma atriz em início de carreira branca e acaba morando com ela juntamente com sua filha, que tem a pele clara. Durante todo o filme, podemos ver a ascensão da mulher branca, que vive romances. Enquanto a mulher negra, vive o dilema do racismo com a filha que a rejeita por ser negra. Mulher dócil, servil, sem reclamar de nada, cujo sonho era ter um funeral com cavalos brancos.*

Quem não se lembra da personagem negra de “E o Vento Levou”, a atriz Hattie McDaniel, que ganhou um Oscar por sua atuação? Elacuidava da sra. Scarlete. Era brava, às vezes, amava sua sinhá, era extremamente obediente e servil. Hattie não pôde participar da festa do Oscar e nem pôde ser enterrada no cemitério em Los Angeles por ser negra.

Essa imagem da mulher dócil, a mamãe cozinheira, sempre prestativa, persiste até os dias de hoje, especialmente nas igrejas. Quem não conhece uma senhora negra, gentil, que não tem dia, nem hora, nem lugar para ela? Que se sente feliz em estar sempre à disposição do pastor e dos membros da igreja?

As imagens de filmes, das histórias contadas nos flanelógrafos da APEC (Aliança Pró-Evangelização das Crianças), os quadros e vitrais das igrejas tiveram uma forte influência no que entendemos sobre Deus, Jesus Cristo e personagens bíblicos.

“Uma imagem vale mais que mil palavras” - Essa frase, que alguns atribuem a Confúcio, transformou-se em clichê. Repetida bem mais de mil vezes, não perdeu, por isso, sua validade. Ela é especialmente verdadeira quando se trata de cinema. E, mais ainda, quando o cinema é utilizado como arma de propaganda política e controle da opinião pública. Esse é o tema do livro “O Poder da Imagem”, de Wagner Pinheiro Pereira. (<https://bit.ly/3pLhsJH> extraído em 5/10/2020)

Aprendemos na Escola Dominical que Deus é um homem branco, sentado no trono, com barbas brancas e muitas vezes, com um olhar de superioridade. Jesus Cristo também é branco, de cabelos longos, olhos claros, com um olhar dócil. E o Espírito Santo é representado por uma pomba branca.

Obviamente, poucas vezes, nas histórias e filmes, personagens centrais foram representados e apresentados próximos da realidade. Jesus jamais seria loiro, com pele, cabelos claros e olhos claros, nascendo em Belém. Graças à tecnologia, podemos ter imagens de um Jesus como um homem de pele escura, cabelos curtos, o que, provavelmente, seria o mais próximo do real.

Portanto, as imagens transmitidas durante anos também reforçaram estereótipos para as etnias não brancas e isto atinge especialmente as mulheres negras. Mulheres negras não são retratadas nas histórias bíblicas. Quando o são, aparecem somente as figuras da escrava Agar, Rainha de Sabá e a mulher morena, porém formosa dos Cânticos dos Cânticos.

Sempre foi esperado e suportado nas igrejas protestantes, especialmente nas chamadas “históricas”, que as mulheres negras desempenhassem o papel de figurantes, subalternas, obedientes e gratas por estarem entre os brancos das igrejas. Seu destaque é limitado. É permitido na área do entretenimento, ou seja, nas músicas, nas

artes e na culinária. É suportado nas lideranças de mulheres e no cuidado com as crianças, com a organização da igreja e com a ornamentação. Mas não é permitido nas estâncias superiores de decisão.

Foram mulheres negras, muitas nada “boazinhas”, que colaboraram na construção de

uma identidade negra nas igrejas evangélicas. Podemos identificar movimentos no Brasil, nas décadas de 80 e 90. Com uma pesquisa mais extensa e profunda, com certeza, encontraremos iniciativas anteriores. Não temos tempo hábil para apresentar todos. Por isso, vamos destacar alguns movimentos importantes.

## Negrascris

*Movimento de mulheres negras metodistas, presbiterianas e pentecostais das Igrejas Assembleia de Deus e Deus é amor, que se reuniam no salão social da Igreja Presbiteriana Independente, na região central de São Paulo.*

*Os encontros eram mensais, depois bimestrais. Oorreram no final da década de 80 e início dos anos 90. A coordenadora do grupo era Dina da Silva Branchini, metodista. A cada encontro era compartilhado um tema, estudos de personagens bíblicos negros, o papel das mulheres cristãs no combate ao racismo e a criação de liturgias negras.*

*É importante destacar que muitas mulheres participavam, mas outras desistiam, devido às pressões de pastores e da comunidade que falavam que o movimento representava um racismo reverso ou que era um movimento de mulheres que não aceitavam o estabelecido por Deus. O grupo foi diminuindo e acabaram ficando somente as metodistas.*

## AAfro

Dina e outras mulheres começaram a repensar suas posições, ações e perspectivas nas igrejas metodistas como mulheres negras. Formou-se o AAfro na Igreja Metodista. O ministério foi criado em 5 de agosto de 2005 e tinha como missão atuar na construção de uma relação étnica e justa com ênfase na população afrodescendente brasileira. Bus-

cava a não separação, mas a inclusão, manter o diálogo com as diferentes instâncias e a membresia da Igreja Metodista.

Uma de suas funções também era a formação de líderes para trabalhar com a temática da inclusão e da diversidade, formar grupos e ministérios locais de ações afirmativas.

O ministério AAfro existe, porém, sua coordenação é escolhida pelo bispo e o movimento acabou enfraquecido, apesar de sua existência. O atual coordenador do ministério

é leigo, Paulo Roberto Lopes de Almeida Junior. (<http://3remetodista.org.br/consultado> em 05/10/2020)

## Conselho Nacional de Negras e Negros Cristãos (CNNC)

*Esse importante grupo reúne pastoras, pastores, evangelistas, membros de diversas confissões evangélicas, organizados nos estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Bahia. A imagem da página no Facebook é do Jesus Negro. O grupo de mulheres trabalha a questão do mulherismo africano. O atual presidente do grupo é Walter Passos, historiador, pan-africanista e teólogo.*

## Rede de Mulheres Negras Evangélicas

É um grupo recente, específico para mulheres negras criado em 12 de agosto de 2018, durante um encontro de mulheres negras em Recife. O grupo tem a finalidade de criar eventos como encontros e estudos sobre as mulheres negras, além de incentivar as ações desenvolvidas pelas mulheres negras evangélicas.

A coordenação deste grupo está no Nordeste, especificamente Salvador e Recife. São coordenadoras as irmãs Liz Guimarães e

Vanessa Barbosa.

Os grupos de mulheres negras estão divididos em mulheristas, mulheristas africanas e feministas negras. Este é um tema recente, pois o que motivou primeiramente os grupos de mulheres nas igrejas foi a questão do racismo e, por último, as questões de gênero. É importante apresentar os movimentos que têm sua origem nos movimentos de mulheres negras norte-americanas e africanas.

## Projetozau

*É uma marca, um espaço de possibilidades de expressão, autoafirmação e posicionamento, pensada para incentivar a autonomia, a criatividade e a intelectualidade de mulheres negras evangélicas. O lema das mulheres é “Descoloniza sua fé”. Esse grupo de mulheres jovens negras evangélicas é desenvolvido na periferia de Guarulhos, SP. As integrantes são Aloá Dandara, Isabella Souza, Pétala Souza.*

## Mulherismo

Foi criado pela conhecida autora Alice Walker (“A Cor Púrpura”). Segundo Walker, mulherismo representa a história concreta vivida pelas mulheres negras afro-americanas em oposição à vivida pelas mulheres brancas. O mulherismo é retratado como superior ao feminismo, em decorrência das diferentes histórias de mulheres negras e brancas em relação ao racismo americano.

## Mulherismo Africano

Trata da tripla dificuldade das mulheres negras de lidar com as questões de raça, classe e sexo, mas com sua própria ordem. O importante é priorizar a raça, porque isso ameaça mais do que tudo. É uma nova narrativa para identificar e reunir as reivindicações das mulheres negras a partir de suas experiências de vida.

## Feminismo Negro

*Nasceu a partir das mulheres negras que perceberam que o feminismo não dá conta da luta antirracista e não pensa o racismo como modo de opressão. É rejeitado por muitas mulheres negras por entenderem que o feminismo nasce através das ações de mulheres brancas. Incluir o termo feminismo como negro é um desafio à brancura presumida do feminismo e interrompe o falso universal desse termo para mulheres brancas e negras. O Feminismo Negro faz com que mulheres afro-americanas se sintam desconfortáveis porque desafia as mulheres negras a confrontar seus próprios pontos de vista sobre sexismo e opressão das mulheres negras.*

*Escolhendo qualquer uma das formas de entender a luta das mulheres negras, é preciso enfrentar o racismo estrutural nas igrejas, bem como o sexismo. Tudo isso é uma luta duríssima. As igrejas evangélicas tendem a não assumirem o racismo e o sexismo, e usam textos bíblicos, sem interpretação, para justificar suas ações equivocadas. O importante é destacar e afirmar que as mulheres negras estão tomando decisões essenciais e sem retorno. Isso se reflete nos encontros e nas publicações realizadas pelas mulheres. Temos nomes importantes e fortes nos estudos teológicos negros das mulheres: Dra. Lilian da Silva, Dra. Sílvia Regina de Lima Silva, Dra. Cleusa Caldeira, Dra. Suzete Lima Kourliandsky, Dra. Maricel Mena-Lopes, Profa. Lídia Maria de Lima, Reva. Sônia Mota, Dra. Ana Luísa Alves Cordeiro, Reva. Maria do Carmo.*

*Os grupos estão crescendo. O conteúdo é compartilhado. Criam-se canções que falam de Deus e de Jesus Cristo, com um olhar crítico e negro em ritmo de samba, hip-hop. Espaços antes impensáveis são ocupados. Elas estão nas universidades. Cursos online de teologia negra são dados e a comunidade negra evangélica vai percebendo que existe um lugar e um Deus nunca imaginado com características africanas. Aos poucos, os evangélicos e evangélicas perdem o medo de rever sua ancestralidade que não era cristã, redescobrimo uma estética negra, cabelos naturais, roupas coloridas.*

*Estamos próximos de uma nova fase. As mulheres negras precisam saber que são agentes de mudança de toda uma estrutura que oprime, mata, extermina.*

*Uma pesquisa do Ibope na última eleição presidencial mostrou que foram as mulheres negras e evangélicas que ajudaram a eleger o presidente da extrema-direita, que é contra ações afirmativas, indígenas e negros. Enganadas pelas fake news, acolhendo as diretrizes dos líderes religiosos de suas igrejas evangélicas, elegeram o capitão que está dizimando vidas, especialmente as negras e as indígenas.*

*Por isso, é importante o movimento negro nas igrejas. É necessário conhecer sua história, reconhecer inimigos e saber como funciona o racismo estrutural. Se não formos atropelados pela branquitude, que insiste em manter privilégios e aumentar cada vez mais a distância social e política da população negra, com a graça de Deus, chegaremos a um nível de consciência que nos permitirá escolher qual o melhor caminho a seguir. Como mulheres negras evangélicas, podemos ser a liderança de um novo caminho ou podemos nos manter onde estamos e continuar seguindo atrás.*

*De uma coisa tenho certeza: as mulheres negras continuarão a seguir em frente, independentemente da nossa escolha.*

#### BIBLIOGRAFIA

- Cadernos Pagu, O que é um nome? Mulherismo, feminismo negro além disso. Patricia Hill Collins <https://bit.ly/2ILtthN>
- <https://bit.ly/3nISSqX> consultado em 5/10/2020
- Davis, Angela, Mulheres, Raça e Classe, São Paulo, ed. Boitempo, 2016



“

**FÉ CIDADÃ, RELEVÂNCIA  
SOCIAL DA IGREJA LOCAL NO  
COMBATE AO RACISMO**

**MARCO ANTONIO BARBOSA**

# 09

*“Como começar pelo início, se as coisas acontecem antes de acontecer?”<sup>1</sup> Quando o assunto é o combate ao racismo, a poetisa tem razão, pois esse enfrentamento não parte do nada; parte quando a igreja local, engajada na sociedade, por meio da sua missão urbana, percebe, dentre várias problemáticas, a do racismo. A sensibilidade da igreja em relação ao racismo surge exatamente quando está envolvida no contexto do exercício da sua fé cidadã; fé ativa, que se compromete com os problemas que afligem a sociedade e, assim, pleiteia a causa do outro como sendo sua.*

A igreja local só conseguirá perceber o problema do racismo, e enfrentá-lo, se, na sua prática, desenvolver uma fé cidadã traduzida no envolvimento com a sociedade. Trata-se de relevância social no seu espaço local. O comprometimento da igreja de se posicionar contra o racismo surge quando ela coloca os pés no chão e deixa de viver uma fé alienada, assumindo um caráter revolucionário e transformador. Esse envolvimento com a sociedade fará com que ela perceba o que afirmou a pesquisadora Grada Kilomba, que o racismo cotidiano não é um ataque único, ou um evento discreto, mas, sim, uma conste-

lação de experiências de vida; uma exposição constante ao perigo, um padrão contínuo de abuso que se repete incessantemente ao longo da biografia de alguém.<sup>1</sup>

Portanto, qual seria o grande desafio para uma igreja que não se exime diante do combate ao racismo que não permite ao ser humano criado por Deus ter vida abundante? O desafio é o de a igreja não se tornar um lugar de retiro, vulnerável à sedução da tentação da facilidade e fuga, mas um organismo vivo e dinâmico composto por quem objetiva a mudança e a transformação da realidade.

*Um fator de alienação é supor que, aos domingos, no templo, a igreja pode mudar e vencer todos os desafios que a sociedade apresenta. O problema é conceber a igreja como templo e não como a sociedade. Com isso, ela tende a se guetizar e prender seus fiéis para que não se aproximem das questões sociais e políticas. É necessário compreender que o reino de Deus se constrói a partir da corporação de cidadãos e cidadãs que completam a sociedade, dotados de sensibilidade, historicidade, espacialidade, e é a partir destes que o reino se consolida.*

Por meio do Espírito agindo, motivados pelo amor criativo e unificador, cidadãos e cidadãs se tornam modelo da construção escatológica do reino de Deus, um sinal da *parusia* (vinda) e da *topia* (sonho possível) de um reino de justiça e paz. Tratar teologicamente um tema como o combate ao racismo sem contato com a realidade humana não tem sentido. A ação da igreja de enfrentamento só ganhará sentido à medida que esse tema, por

meio de ações práticas, for se reatualizando na ação histórica.<sup>2</sup>

Quando a igreja marca presença nas escolas, especialmente nas periferias das cidades, percebe que as crianças em defasagem na aprendizagem, que evadem da escola, são, majoritariamente, negras. Com jovens negros, a realidade não é diferente. Quase metade dos jovens negros, de 19 a 24 anos, não con-

1. GRADA, Kilomba. Apud: Entrevista - Juliana Yade - Pastoral de Combate ao Racismo da Igreja Metodista <[www.expositorcristao.com.br/entrevista-juliana...](http://www.expositorcristao.com.br/entrevista-juliana...)>  
2. BARBOSA, Marco Antonio. Missão Urbana. Departamento de Crescimento Integral de Igrejas (Secretaria de Missões da IPI do Brasil), p. 12,13.

cluíram o ensino médio, diz o IBGE. Entre mulheres negras, o índice chega a ser de 33%. Para especialistas, o abandono escolar tem raízes sociais.

Envolvendo-se com os Conselhos Públicos de Saúde, a igreja perceberá que as mulheres negras são as que ocupam nas estatísticas os mais altos índices de mortalidade. Estudo de base populacional realizado pela Fundação Oswaldo Cruz, em parceria com universidades de todo o país, tabulou dados de mais de 20 mil mulheres. O objetivo era conhecer as experiências de gestação, pré-natal, parto e maternidade das brasileiras. “Nascer no Brasil” foi o nome dado ao estudo que se configurou como o mais importante sobre a saúde gestacional e a maternidade do país, que apontou para desigualdades na atenção oferecida às mulheres. Mostrou que as mulheres negras sofrem racismo desde o acompanhamento pré-natal até o momento do parto, além dos cuidados pós-parto e nas vivências de cuidados maternos.

Não é dentro dos templos, mas nas ruas que a igreja constatará que, no mapa da violência, os jovens negros continuam sendo mortos brutalmente e massivamente, e isso não é normal! A cada 23 minutos, um jovem negro é morto no Brasil, e são jovens que já foram atingidos por outras privações sociais. De acordo com o “Atlas da Violência” que reúne o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP) e o Instituto de Economia Aplicada (Ipea), que utiliza dados apresentados pelo Sistema de Informação sobre Mortalidade do Ministério da Saúde, em 2018, os negros representaram 75,7% das vítimas de homicídios. O estudo mostra a desarmonia entre as taxas de homicídio, concluindo que, para cada indivíduo não negro morto em 2018, 2,7 negros foram mortos. O racismo tem essa capacidade de normalizar a violência. Ele é como uma máquina sofisticada que sempre se adapta ao contemporâneo, tornando-se sempre uma norma.<sup>3</sup> Por isso é tão importante analisar criticamente.

*Foram citados apenas alguns exemplos de muitos outros que envolvem nossa sociedade, e a igreja local só perceberá, e se sentirá desafiada a combater o racismo se houver envolvimento por meio de uma fé ativa, dinâmica e compromissada com a vida. Não é dentro dos templos que as igrejas terão contato com um Brasil onde o racismo se configura por meio da desigualdade que foi construída historicamente, com a negação do acesso à população negra à educação, saúde, saneamento básico, alimentação, trabalho, lazer e moradia.*

3. Entrevista com Grada Kilomba. (Helder Ferreira) <<https://bit.ly/3kS8rL4>>

A descoberta dessa realidade não se concretiza apenas pela verificação das estatísticas, mas, principalmente, quando a igreja local, como corpo vivo e dinâmico, sai para andar onde o povo anda. É necessário, por exemplo, passar um dia na fila do INSS, conversando com as pessoas e ouvindo o que elas têm para dizer e aprendendo com suas histórias. Passar pelas unidades básicas de saúde e hospitais para perceber que, além da precariedade do sistema, quais são as pessoas que frequentam esses lugares. Passar pelas salas de espera dos presídios e conversar com os familiares dos presos, tentando entender a razão de encarceramento de seus entes queridos, e o que eles pensam sobre o fato de a maioria da população carcerária ser composta por negros. Participar de reuniões comunitárias para tratar de assuntos relevantes para a comunidade. Desenvolver projetos com as escolas contribuindo para a diminuição da evasão. Caminhando pelas ruas e mantendo contato com as pessoas, a igreja descobre as reais necessidades.

Jesus, no desenvolvimento do seu ministério, não dizia o que as pessoas precisavam, mas lhes concedia o direito de dizerem o que necessitavam e, para tanto, ia ao encontro delas, vivenciando suas realidades. Ao caminhar pelas ruas, a clássica pergunta que a igreja deve fazer é a mesma que seu mestre fazia, ou seja: “O que você quer que eu te faça?”. Para perguntar é preciso estar perto. Creio que a partir desse diálogo, a igreja não somente formulará, mas será desafiada a responder out-

ras perguntas como, por exemplo: por que as pessoas negras têm menos acesso às questões que são fundamentais para a manutenção da vida? Por que as crianças e jovens negros são mais afetados pela discriminação? Por que o índice de mortes é maior entre os negros, quer seja pela violência policial, quer seja pela ausência de políticas públicas de qualidade? Por que a presença de negros é tão pequena nas universidades, e por que os projetos de inclusão são tão criticados? Por que, no rol de membros das igrejas, especialmente das que não estão localizadas nas periferias das cidades, a presença de irmãs e irmãos negros é quase imperceptível?

É fora dos muros de proteção que Jesus espera seus discípulos, pois é fora que se percebem os grandes problemas, dentre eles, o do racismo. Ao se colocar numa redoma, a igreja gradativamente torna sua teologia arcaica e, quando não se conecta à realidade, continua dando as mesmas respostas para novas perguntas. O conteúdo do texto bíblico jamais se torna arcaico, mas a teologia é tanto exegese (extração de conteúdos) quanto hermenêutica (comunicação de conteúdos). Por não vivenciar a realidade, as respostas se tornam obsoletas.

Quando a igreja local se fecha em si mesma, ou se omite quanto ao enfrentamento do racismo cultural institucional que domina a sociedade e as instituições religiosas, peca contra Deus e contra sua criação. Quando ela aceita o desafio de exercer uma fé cidadã, ela

se humaniza, porque o contato com a necessidade do outro nos humaniza.

É necessário à igreja, ao mesmo tempo, sair de seus portões e manter em seus estudos, diálogos e pregações a temática do racismo e, com isso, estimular e contribuir para reflexões e ações proativas de enfrentamento a esse mal. O combate se dará tanto de fora para dentro, quanto, de dentro para fora. O contato com a realidade fora dos templos fará com que, dentro deles, se construam ações de reconhecimento de irmãos e irmãs negras, por meio da compreensão de que eles e elas podem assumir lugares de liderança, e po-

dem contribuir no lugar que desejarem.<sup>4</sup>

O reconhecimento da igreja quanto ao lugar de representação social dos que sofrem com a prática do racismo possibilitará que a mulher negra e o homem negro vivenciem sua fé, e o espaço comunitário da igreja como sendo deles.<sup>5</sup> Uma vivência plena, sem travas, sem medo de exercitar a capacidade de liderança, a capacidade de ensinar na igreja como professor e professora nas escolas bíblicas, o direito de exercer o pastorado ou qualquer função, quebrando as fortes marcações que todos sabem que existem dentro do ambiente da igreja.

*É importante ressaltar que nossa sociedade, na perspectiva da lei, não se constitui numa reunião de seres humanos iguais. Se há necessidade de que a Constituição Brasileira afirme que todos são iguais perante a lei, é porque na prática não são assim concebidos. É uma realidade a afirmação do professor de Estudos Afrodiaspóricos da Universidade do Texas, João H. Vargas, que analisa, no livro “Antinegritude: o Impossível Sujeito Negro na Formação Social Brasileira”, que “pessoas negras estão fora de lugar em lugares de privilégio como os shopping centers, mas elas também estão fora de lugar independente de lugar”.<sup>6</sup> Quando a igreja assiste passivamente o racismo e não sai de seu gueto para enfrentá-lo, peca contra Deus e contra o próximo.*

4. Entrevista - Juliana Yade - Pastoral de Combate ao Racismo da Igreja Metodista - <<https://bit.ly/332JBIV>>

5. Sara de Paula. Entrevista - Juliana Yade - Pastoral de Combate ao Racismo da Igreja Metodista <<https://bit.ly/332JBIV>>

6. Grada Kilomba. O racismo e o depósito de algo que a sociedade branca não quer ser. <<https://bit.ly/3pYmi6C>>

Caminhar pelas ruas fará com que a igreja denuncie a coisificação do outro. Cleusa Caldeira afirma que essa objetivação do negro implica a sua descartabilidade como o excedente social”<sup>7</sup>, e que isso ocorre com frequência “em praça pública e em plena luz do dia de forma sempre sumária e violenta com o objetivo de colocar todos os demais negros no seu lugar, isto é, nessa condição de medo e invisibilidade.”<sup>8</sup>

Caminhar pelas ruas exige da igreja consciência de que somos coparticipantes da missão do Filho de Deus que foi ungido para “*evangelizar os pobres; proclamar libertação aos cativos, restauração da vista aos cegos; para pôr em liberdade os oprimidos, e apregoar o ano aceitável do Senhor.*”<sup>9</sup> Nessa perspectiva a igreja não se acomodará e, ao exercer sua fé cidadã dentro e fora de seus portões, “reconhecerá a dignidade da pessoa negra criada à imagem e semelhança de Deus.”<sup>10</sup>

---

7. Cleusa caldeira. A Execução de George Floyd e o Silenciamento do Negro - <<https://bit.ly/333zUU1>>

8. Idem

9. [Lucas 4:18,19](#).

10. Cleusa caldeira. A Execução de George Floyd e o Silenciamento do Negro - <<https://bit.ly/333zUU1>>



“

# KOINONIA CRISTÃ COMO ANTÍDOTO À DISCRIMINAÇÃO

**SILAS DE OLIVEIRA**

# 10

## *Salmo 133*

*Nesta série de estudos sobre a importância da nossa luta cristã contra a discriminação racial, chegamos a um dos mais lindos temas propostos pela Palavra de Deus: a Koinonia. É um termo grego que, ao longo dos anos, foi ocupando o seu lugar em nossas discussões bíblicas e teológicas, proporcionando-nos profundos aprendizados e inspiradoras propostas de convivência e de relacionamento humano.*

*Nossa proposta, na lição de hoje, é estudarmos um pouco mais sobre esse precioso tema, à luz do conhecido Salmo 133. Antes disso, vale a pena ampliarmos o nosso conhecimento sobre o significado da palavra Koinonia e, a partir daí, propormos importantes contribuições que desejamos oferecer à igreja, nessa luta contra toda e qualquer discriminação social.*

## Koinonia - Compreendendo um pouco mais do nosso assunto

Diversos são os sentidos encontrados em nossos dicionários sobre a palavra koinonia. Destacamos alguns que acreditamos serem suficientes para o desenvolvimento da nossa reflexão: companheirismo, participação comum em determinado projeto, amizade, associação e vida em comunidade sob os interesses comuns. Por fim, o mais próximo da linguagem bíblica é a palavra comunhão.

Em comunhão encontramos a linguagem do tudo em comum (Atos 2.42-47). É um cultivo diário de relacionamentos. Tais relacionamentos visam o interesse comunitário, abençoando a toda a comunidade. É a ideia do fruto do Espírito que amadurece e alimenta os relacionamentos devidamente cultivados. A comunidade é alimentada, pois o fruto é produzido para todos, sem nenhuma distinção, muito menos discriminação.

Na linguagem bíblica seria: ser dedicado um ao outro (Romanos 12.10); encorajar uns aos outros (1 Tessalonicenses 5.11); aceitar um ao outro (Romanos 15.7); amar uns aos outros (1 Pedro 1.22); viver em harmonia uns com os outros (1 Pedro 3.8).

Diante de tantas significativas definições, vale a pena aprofundar um pouco mais a nossa reflexão com um olhar sob uma prática comunitária desenvolvida pela comunidade de

Israel, registrada no Salmo 133. Vamos juntos aprender um pouco mais dessa belíssima passagem bíblica.

## Um Salmo para uma caminhada saudável

Estamos diante de um texto muito conhecido e também decorado por muitos. Voltar aos textos conhecidos é sempre um desafio. Há sempre uma expectativa de aprender algo novo, sendo desafiado à busca de novas lições. Porém, para que isso aconteça, necessitamos nos despir do preconceito humano de achar que nada mais o conhecido texto tem a nos dizer.

Temos aqui um cântico de gratidão, preparado para o momento de uma grande celebração, em virtude das caminhadas do povo judeu até Jerusalém (Salmos 120-134). Nele, encontramos o relato de um momento comunitário de um povo peregrino que, após longa jornada, se reúne para agradecer. Diversos foram os momentos vividos na caminhada. Alegrias, tristezas, perigos e incertezas estiveram presentes. Contudo, depois de concluída a jornada, era tempo de sentar e cear.

Era a alegria da comunhão e também um ato de gratidão pelo cuidado não apenas no individual, mas também no coletivo. Depois de dias de caminhada, era hora de colocar a conversa em dia ao redor da mesa. Portanto, a palavra-chave não poderia ser outra a não ser Koinonia - comunhão

É possível imaginar o prazer da refeição com parentes, amigos e conhecidos. Estar na companhia do próximo produzia prazer e vida. Conscientes de que havia estrada pela frente, de que o caminho de volta para casa os aguardava, desejavam retornar em comunhão.

Como próximo passo da nossa lição, pensemos juntos nesta palavra bonita, mas desafiadora para ser vivida em comunidade. Pensemos em uma palavra fácil de ser guardada na mente, mas difícil de ser vivida com o coração. Essa palavra é a palavra comunhão que, à luz da Bíblia, somente acontece quando algumas atitudes são desenvolvidas através do agir comunitário do povo Deus.

## Prática do amor a Deus e ao próximo

A mesa é um lugar revelador. Impossível disfarçar relacionamentos quando estamos frente a frente, lado a lado com o nosso próximo. Mesmo que disfarces sejam usados, algo se revela e somos tomados pela imagem real de quem somos e como somos.

Após a longa caminhada, sentar-se à mesa era um convite à transparência. Quantos momentos vividos na estrada, quantas situações, talvez inevitáveis, porém, agora é hora de todos se olharem, se curarem, se amarem, pois há um caminho de volta para a casa que precisa ser feito em comunidade.

Aí entra a ideia do amor a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a nós mesmos, pois o amor é a comprovação da verdadeira espiritualidade. Mesmo diante das diferenças dos gostos e dos paladares diversos, o amor não perde a compostura, não se torna inconveniente (1 Coríntios 13)

Cabe ressaltar que refeições sem amor são azedas e amargas. Refeições sem amor não têm o tempero divino e não contam com a graça de Deus.

Portanto, a comunidade luta e combate qualquer tipo de racismo quando, ao sentar-se à mesa, olhando para o seu próximo como parte de si, o pão é partilhado e não dividido, as lágrimas e alegrias fazem parte de um caminhar solidário, regado pelo dom do amor.

### *Para pensar:*

*Por que será que nos afastamos de algumas mesas? Já pensaram nisso? Na realidade, mesa não é feita para afastar, mas para agregar, para aproximar, para expressar amor.*

## Honestidade cristã

Eis aí mais uma importante ideia sobre a nossa vida comunitária. Outra palavra fácil de guardar. Muitas vezes difícil de se praticar.

Vivemos em uma sociedade desonesta. De um centavo a cem reais, nada muda; pelo contrário. Quando os valores que preservam e restauram a dignidade humana são invertidos, só podemos chorar com uma realidade social apodrecida. Quando o diferente é tratado como objeto e não como irmão, concluímos que vivemos em meio a uma doença social.

Infelizmente, em nossos dias, na visão de muitos, para se estar na moda, é preciso ser desonesto, contrariando toda a orientação

do Salmo 15. Para participar do banquete da honestidade é preciso peregrinar. É uma peregrinação de aprendizado, postura, decisões, renúncias e atitudes. A honestidade, em todos os seus aspectos, se aprende no caminho, regada a muita conversa, solidariedade e cuidado mútuos.

A comunhão acontece quando o povo de Deus desenvolve honestidade em comunidade. Ninguém consegue se manter por muito tempo em uma mesa onde a desonestidade prevalece e onde a desconfiança faz parte do cardápio. É impossível haver Koinonia quando as pessoas não se confiam e o outro deseja sempre o melhor para si próprio. Quando não há respeito e consideração pelo diferente, a árvore da comunhão não floresce, seus frutos são mirrados e suas raízes, sufocadas.

### *Para pensar:*

*Talvez você tenha sofrido com situações parecidas com as descritas acima devido ao comportamento da nossa sociedade, seja no ambiente familiar, do trabalho ou até mesmo religioso.*

*Se você tem sofrido, mas, diante de Deus, quer fazer o correto, sinta-se em paz e sente-se à mesa. Continue praticando a honestidade cristã, em todos os sentidos. Olhe para aquele que a sociedade considera diferente, que é vítima da desonestidade racial, e permita que tenha espaço eterno em seu coração*

## Fidelidade à Palavra de Deus

Chegamos à terceira ideia que desejamos comentar sobre outro importante fundamento da verdadeira Koinonia: a fidelidade à Palavra de Deus. Na expressão de Jesus, “conhecereis a verdade e a verdade vos libertará” (João 8.32), o Mestre combatia uma atitude de rejeição para com uma mulher humilhada pela sociedade. Havia, de sua parte, profundo amor e respeito àquela vida solitária. A atitude do Mestre ensina que a verdade, mesmo que possa ser um remé-

dio amargo, é libertadora, permitindo um recomeço em direção ao novo, com novos sonhos e perspectivas.

Na caminhada do povo, aprendemos que fidelidade à Palavra fortalece a comunhão. Quando eu e o meu próximo somos portadores da mesma verdade, descobrimos que as diferenças são lançadas ao chão e transformam-se em pó. Diante da mesa da refeição, brotam palavras confiáveis, abençoadoras e orientadoras, com aquela sensação gostosa de liberdade, provinda da graça de Deus.

*Nenhuma atitude racial existirá quando a comunidade conhecer a verdade que liberta, sem preconceitos, gestos ou atitudes que contaminam a comunhão cristã. O subir e o descer, enfim, o caminhar da comunidade estará sempre baseado no desejo profundo de viver em comunhão.*

## Espírito Santo e Comunhão

Nosso belíssimo Salmo termina falando da bênção divina sobre aquele ato comunitário. Quando há demonstração de cuidado comunitário, há também a experiência do milagre divino.

Em toda a narrativa bíblica, a pessoa do Espírito Santo existe para promover a unidade do povo de Deus. Em nenhum momento encontramos o Espírito Santo dividindo o Corpo de Cristo. Pelo contrário, ao mesmo tempo

em que é um dínamo que impulsiona a igreja a caminhar, é também o Deus que atrai, que junta as peças quebradas da vida humana e que as organiza sob a sua própria orientação.

Espírito que divide não é Espírito de Deus. Simples assim! Dois exemplos inspiradores para essa reflexão estão no livro de Gênesis 11.1-9 (Torre de Babel) e em Atos 2 (Pentecostes). De um lado o espírito humano, transformando a vida humana em departamentos (torre). De outro, o Espírito divino, agasalhando, juntando e permitindo que povos,

tribos e raças falem a mesma língua, com respeito, consideração e cumplicidade.

Daí a belíssima expressão do salmista: *“Ali ordena o Senhor a sua bênção”*. Através da convivência comunitária, do cuidado e respeito, o ambiente é transformado, as pessoas são abençoadas e a caminhada da igreja torna-se algo saudável e abençoador.

Não há mais *“judeu nem grego; nem escravo nem liberto, nem homem nem mulher, pois todos vós sois um em Cristo Jesus”* (Gálatas 3.28). Todos e todas, ao redor da mesma mesa, com o mesmo objetivo, compartilham suas alegrias e tristezas, pois o desejo de uma vida em comunhão traz a marca daquele que passou pela cruz e a todos atraiu.

## *Para pensar:*

*Analise com a sua classe em quais momentos o espírito humano, com os seus preconceitos raciais, tem dominado as nossas discussões, prejudicado a nossa unidade e destruído a nossa comunhão.*

## **Finalizando**

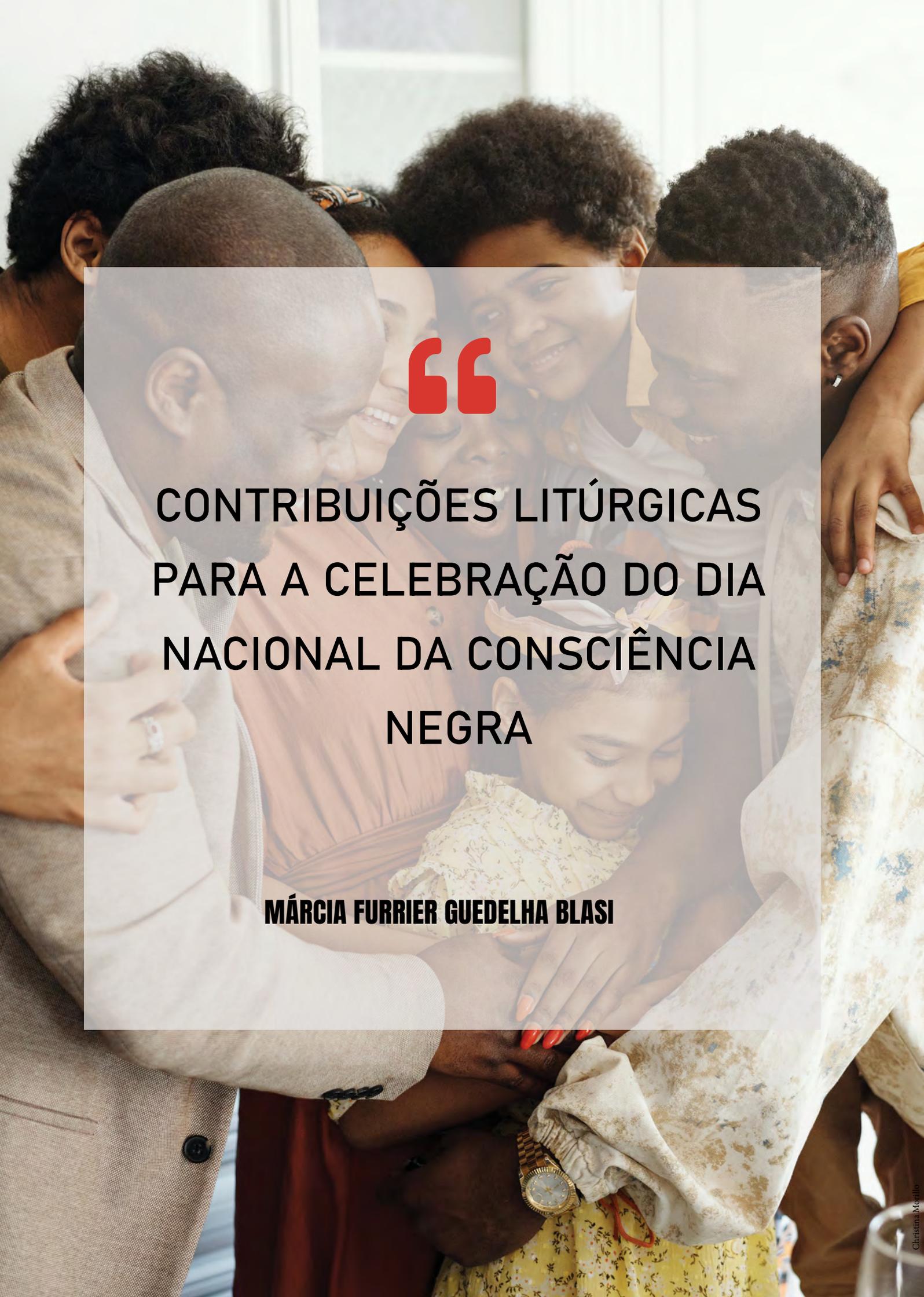
Nosso assunto, discriminação social à luz da Koinonia cristã, não termina por aqui. Este é um assunto de caminhada, ou seja, do caminhar da igreja e, ao redor da mesa, deve ser tratado, aprendido e, se necessário for, combatido. É função da Igreja de Cristo se posicionar contra toda e qualquer forma de racismo que prejudique a comunhão do povo Deus.

Deus nos dá o privilégio de estudarmos tão importante tema, porém, também nos dá

a responsabilidade de nos posicionarmos, como voz profética, frente às discriminações vigentes em nosso tempo. Discriminações essas, infelizmente, muitas vezes dentro das nossas próprias comunidades.

Tenhamos um olhar de misericórdia e zelo para com o nosso próximo, confessando a Deus as nossas atitudes discriminatórias, e rogando sempre, inspiração e graça para crescermos em comunhão.

Deus nos ilumine e nos abençoe, pois sem inclusão não há Koinonia!



“

**CONTRIBUIÇÕES LITÚRGICAS  
PARA A CELEBRAÇÃO DO DIA  
NACIONAL DA CONSCIÊNCIA  
NEGRA**

**MÁRCIA FURRIER GUEDELHA BLASI**

# 11

*O Dia Nacional da Consciência Negra foi criado em 2003, mas foi oficializado, mediante a Lei nº 12.519, em 10 de novembro de 2011.*

*A data para a comemoração é 20 de novembro, e é dedicada à reflexão dos direitos da população negra no Brasil.*

*A Secretaria de Música e Liturgia traz sua colaboração através de sugestões litúrgicas para a realização do culto em comemoração ao Dia Nacional da Consciência Negra.*

*Minha sugestão para o tema desta liturgia é o amor ao próximo como Cristo nos ensinou através de seu exemplo.*

*Jesus Cristo nos mostra que as relações raciais precisam ser baseadas no amor ao próximo, sem preconceitos e sem acepção de pessoas, e que o evangelho é para todas as raças, tribos e nações*

*Todos pertencemos à mesma espécie, temos a mesma origem e fomos criados à semelhança de Deus, como nos diz Atos 17.26: “De um só fez toda a raça humana para habitar sobre toda a face da terra”.*

*Somos alcançados pelo amor de Deus, somos todos iguais aos olhos do Pai e, em Cristo, somos um, como diz Gálatas 3.28: “Não pode haver judeu nem grego; nem escravo nem liberto; nem homem nem mulher; porque todos vós sois um em Cristo Jesus”.*

*Como nos diz o Apóstolo Paulo em sua Primeira Carta aos Coríntios, capítulo 13.3: “Ainda que eu tenha tamanha fé, a ponto de transportar monte, se não tiver amor, nada serei”.*

*A maior prova de amor que tivemos foi o próprio Deus que nos deu, quando enviou seu filho unigênito para morrer por nós e, assim, como Deus nos amou, devemos amar-nos uns aos outros.*

# O amor une a igreja

*Saudação:* Pode ser lida pelo oficiante,

*“A graça, a misericórdia e a paz, da parte de Deus Pai e de Jesus Cristo, o Filho do Pai, serão conosco em verdade e amor.” (2 João 1.3)*

*“Amados em Deus Pai e guardados em Jesus Cristo, a misericórdia, a paz e o amor vos sejam multiplicados.” (Judas 1.1-2)*

*“A graça de nosso Senhor Jesus Cristo seja com todos vós.” (2 Tessalonicenses 3.18)*

Chamada à Adoração:

*Leitura responsiva: Salmo 100.*

*Oficiante: Celebrai com júbilo ao Senhor, todas as terras.*

**Povo:** Servi ao Senhor com alegria, apresentai-vos diante dele com cântico.

*Oficiante: Sabei que o Senhor é Deus; foi ele quem nos fez, e dele somos; somos o seu povo e rebanho do seu pastoreio.*

**Povo:** Entrai por suas portas com ações de graças e nos seus átrios com hinos de louvor; rendei-lhe graças e bendizei-lhe o nome.

*Todos: Porque o Senhor é bom, a sua misericórdia dura para sempre, e, de geração em geração a sua fidelidade.*

O Salmo 100 pode ser cantado por coro e congregação ou por congregação e um ou dois solistas, ou, ainda coro com solistas.

Este hino consta do hinário oficial da IPIB “Cantai Todos os Povos” (CTP), nº 427, com música do Maestro Rev. João Wilson Faustini.

*Leitura conjunta: “Adorai ao Senhor na beleza da sua santidade; tremei diante dele todas as terras.” (Salmo 96.9)*

*Oficiante: “Vinde, adoremos e prostremo-nos; ajoelhemo-nos diante do Senhor que nos criou.*

**Povo:** “Ele é nosso Deus, e nós, povo do seu pasto e ovelhas de sua mão”. (Salmo 95.6-7)

Oração ou hino de adoração (A sugestão de hinos será colocada no final)

A oração pode ser espontânea ou baseada em um modelo, como por exemplo:

*“Senhor, ensina-nos o silêncio do amor, o silêncio que fala sem palavras, o silêncio da fé. Senhor, ensina-nos a silenciar nossos corações e mentes para que possamos ouvir o movimento do Espírito Santo em nós, e sentir tua presença nas profundezas do nosso ser. Por Jesus Cristo, nosso Senhor. Amém.” (Manual do Culto da IPIB, p. 312)*

Chamada à Confissão:

*Confessemos a Deus os nossos pecados.*

*Confessemos humildemente nossos pecados diante de Deus, nosso Pai misericordioso.*

*“Se confessarmos os nossos pecados, Deus é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça.” (1 João 1.6-9)*

*Este texto pode ser cantando: Hino nº 41, do CTP – Se Confessarmos.*

*Oficiante: Vinde, adoremos e prostremo-nos; ajoelhemo-nos diante do Senhor, que nos criou.*

*Povo: Ele é o nosso Deus, e nós, povo do seu pasto e ovelhas de sua mão.*

*Oficiante: Hoje, se ouvirdes a sua voz, não endureçais o coração. (Salmo 95. 6-9)*

*(Manual do Culto da IPIB)*

Confissão de Pecados:

Pode-se fazer um momento de oração silenciosa e, depois, alguém ora espontaneamente ou seguindo um modelo de oração.

*“Senhor, tu és a fonte de amor, misericórdia e salvação; tu és o nosso criador e redentor, que amas a toda a humanidade independentemente de raça, cor, nacionalidade e etnia. Estamos neste momento te pedindo perdão porque muitas vezes somos preconceituosos. Nós tratamos o nosso próximo com indiferença e separação. Nós nos separamos por causa de nossas raças, cores e posição social... Tem misericórdia de nós! Precisamos amar como tu nos amas. Precisamos ser misericordiosos como tu és para conosco e necessitamos praticar com todos o teu amor, a tua misericórdia e a tua graça, independentemente de raça, cor e et-*

*nia. Sabemos que, na grande celebração do Cordeiro, haverá irmãos e irmãs de todos os povos, línguas, raças, nações e etnias reunidos com um só propósito de te louvar e adorar. Portanto, Senhor, tem misericórdia de nós. Ajuda-nos para que nós possamos viver aqui um pouco do que será na glória contigo. Em nome de Jesus, tem compaixão, e perdoa os nossos pecados da separação e do preconceito, e enche-nos com o teu amor! Amém!”* (Luiz Otávio Pereira do Carmo)

*“Deus todo-poderoso, nosso Pai celestial, temos pecado contra ti e contra o nosso semelhante, em pensamento, palavra e ação, pela nossa negligência, fraqueza e falta voluntária. Mas estamos verdadeiramente tristes e nos arrependemos de todos os nossos pecados. Pelo mérito de Jesus Cristo, que morreu por nós, perdoa-nos tudo o que passou e faze com que possamos te servir em novidade de vida para a glória do teu santo nome. Amém.”* (Manual do Culto da IPIB)

Litania:

*Oficiante: Senhor Jesus Cristo, confessamos que não temos amado o nosso próximo como a nós mesmos. Temos falhado em servir aos necessitados e em levar a tua história de amor para toda a criatura.*

*Povo: Em tua misericórdia, ouve nossa oração. (Manual do Culto)*

*Declaração de Perdão:* Feita pelo ministro após a confissão:

*“Deus prova o seu próprio amor para conosco, pelo fato de ter Cristo morrido por nós, sendo nós ainda pecadores”* (Romanos 5.8). *“Ele mesmo carregou os nossos pecados no seu corpo sobre a cruz, para que nós morrêssemos para o pecado e vivêssemos para a justiça”* (1 Pedro 2.24)

*“A misericórdia do Senhor é de eternidade a eternidade.”* Eu vos declaro: somos perdoados em nome de Jesus Cristo. (Salmo 103.17)

*“Bem-aventurado aquele cuja iniquidade é perdoada, cujo pecado é coberto.”* Em nome de Jesus Cristo, somos perdoados. (Salmo 32.1)

*(Todas do Manual do Culto da IPIB)*

Oração por Iluminação

Pode ser cantado o hino 383 – CTP que é uma oração por iluminação:

*“Espírito do trino Deus, vem sobre nós!*

*Espírito do trino Deus, vem sobre nós!*

*Quebranta-nos, transforma-nos, orienta-nos, instruí-nos*

*Espírito do trino Deus, vem sobre nós!”*

*Senhor, abre nossos corações e mentes pelo poder de teu Espírito Santo, para que, enquanto as Escrituras estão sendo lidas e a tua Palavra proclamada, possamos ouvir com alegria o que tu nos dizes hoje. Amém. (Manual do Culto da IPIB)*

*Proclamação da Palavra:*

*O dirigente tem liberdade para escolher o texto bíblico sobre o qual proclamará a palavra, mas sugiro que escolha um texto que fale sobre o amor ao próximo sem preconceito e sem aceitação de pessoas, mostrando o exemplo de Cristo.*

*Algumas sugestões: A História de Agar: Gênesis 16; Agar, rejeitada mas não abandonada: Gênesis 16 e 21.1-21; O Grande Mandamento: Mateus 22.34-40; Parábola do Bom Samaritano: Lucas 10.25-37; Parábola da Mulher Samaritana: João 4.1-18; O Amor é dom supremo: I Coríntios 13; A unidade da fé: Efésios 4.1-6.*

*Oração de intercessão e súplica*

*Esta oração pode ser uma oração espontânea ou baseada nas orações que constam do Manual de Culto da IPIB. A oração que vou deixar aqui é do Manual do Culto, mas está de acordo com o tema. A oração pode ser feita em forma de litania.*

*“Senhor Deus, tu nos enviaste um Salvador, Cristo Jesus, para desfazer as muralhas de hostilidade que separam as pessoas. Envia paz para o mundo, e põe fim à ganância, ao orgulho, e ao ódio, que colocam nação contra nação, raça contra raça, e classe contra classe. Apressa o dia em que cessem as guerras, e o mundo inteiro aceite a sua soberania. Por Jesus Cristo, nosso Senhor. Amém”*

*Nesta oração pode-se interceder também pela igreja nacional, pela igreja local e seus departamentos e ministérios, pelo Brasil e nossas autoridades, enfermos, e outros motivos que possam existir no momento.*

*Envio:*

*Ide em nome do Senhor Jesus. E o que ele manda é isto: que creiais no nome do seu Filho, Jesus Cristo, e que vos ameis uns aos outros, como Cristo nos mandou. (João 3.23)*

*Bênção*

## Hinos sugeridos do hinário Cantai Todos os Povos (CTP)

### *Momento após a chamada à adoração:*

- **Hino 01-** Adorai em Majestade – principalmente se for lido o Salmo 96-9.
- **Hino 22-** Estamos Juntos, Prontos para a Adoração. (Este hino é baseado no Salmo 95.1 que pode ser lido como convite a louvar a Deus. “Venham todos e louvemos a Deus, o Senhor”.)

### *Momento de Louvor*

- **Hino 67-** De Todas as Tribos (Pode ser também durante o ofertório, caso se faça esse momento).
- **Hino 112-** Preciosa Graça (Este hino é o conhecido “Amazing Grace”. É um hino autobiográfico de John Newton, que era um comerciante de escravos antes de aceitar a Cristo. A lápide de seu túmulo leva o epitáfio que o próprio Newton escreveu: “John Newton, Clerk, outrora infiel e libertino, comerciante de escravos na África, foi, pela rica misericórdia de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo, restaurado, perdoado e designado a pregar o Evangelho que, em tempos anteriores, trabalhou para destruir.” <https://bit.ly/3lPAxYZ> este link conta uma curta história sobre como surgiu o hino)

### *Chamada à Confissão:*

- **Hino 41-** Se Confessarmos (Este hino já foi citado acima. Pode ser cantado em substituição ao texto de 1 João 1.6-9)
- **Hino 44-** Se Sofrimento te Causei, Senhor (A letra desse hino é muito bonita e significativa para o momento. Baseada no texto de 1 Reis 8.47: “Pecamos e perversamente procedemos e cometemos iniquidade.”)

*Após a Oração de Confissão:* neste momento pode-se cantar um responso

### **Resposos:**

- 461: Kyrie Eleison,
- 462: Nossas Faltas, Senhor.
- 464: Tem Piedade de nós, Senhor.
- 465: Tem Piedade de nós, ó Pai.
- 466: Ó Senhor, tem Piedade!
- 467: Senhor, Tem Piedade de nós!
- 468: Pelas dores deste mundo.

*Antes ou após a leitura dos evangelhos:*

- **Hino 433-** Ale, Ale, Aleluia (Melodia Jamaicana)

*Após a Proclamação da Palavra:* dependendo do tema utilizado.

- **Hino 126-** Qual o adorno desta vida? (Baseado em 1 Coríntios 13.7, se o tema for o amor.
- **Hino 312-** No Espírito Unidos (Baseado em Efésios 4.3, se o tema for a união que o Espírito nos dá.)

*Envio:* Os dois hinos são melodias africanas

- **Hino 497-** Oh, Envia-me, Senhor.
- **Hino 499-** Caminhemos pela luz de Deus.

*Após a Bênção:* Para este momento, temos do número 438 ao 451 vários Améns. Mas destaque:

- **438-** Amém Afro-Americano
- **440-** Amém Brasileiro
- **449-** Amém Tríplice.

## Referências e Colaboradores:

- Manual do Culto da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil
- Cantai todos os Povos – Hinário Oficial da IPIB
- Colaboração do Ministro de Educação da IPIB, Rev Silas de Oliveira;
- Colaboração da Equipe da Secretaria de Música e Liturgia da IPIB: Rev. Lucas Bruder de Oliveira, Luiz Otávio Pereira do Carmo, Márcio Roberto Lisboa.
- Colaboração da Reva.Grytsje Couperus, pastora auxiliar da IPI de Botucatu



**UM CHAMADO AOS  
ADOLESCENTES E JOVENS:  
VENÇAM A MENTIRA DO  
RACISMO!**

**ROBSON DE OLIVEIRA**

# 12

*Escrevo a vocês porque são fortes (1Jo 2.14).*

*Sim. Meu papo é reto. Falo diretamente com o/a adolescente e jovem. Porque, assim como a pessoa que escreveu, há muito tempo atrás, o livro que conhecemos como “Carta de João”, eu também acredito que a força está com você (Quem curte Star Wars entendeu).*

*Então, vamos dar uma rápida olhada nos desafios que aquelas pessoas estavam enfrentando. Buscar compreender a razão pela qual os jovens tiveram que buscar força. Voltar ao nosso tempo, especificadamente a um grande desafio. E também nos posicionarmos fortemente.*

Na época e na cidade em que a primeira carta de João foi enviada, um pequeno grupo de cristãos sofria pressões por todos os lados, mergulhados em uma série de *fake news*. Eram ensinamentos anticristãos (2.18) que geravam comportamentos anticristãos. Ao contrário da iluminação da verdade, esse conhecimento obscuro levava-os a cambalear, por falta de luz e mentira (1.6-7). O principal tropicão era o desprezo e ódio entre as pessoas (3.15-17). Pois essa mentira separava a fé em Deus do compromisso de respeit-

ar o próximo. Afirmava que era possível ser cristão e ter uma aversão violenta contra os outros (2.9).

É para enfrentar esta *bad vibe* que o irmão João se levanta. Sua obra é um grito de alerta, uma convocação para o pessoal re-conhecer a Jesus, re-conhecerem-se nele e viverem juntos, só na alegria (1.1-4). Eles são chamados a voltar à mensagem que Deus publicou em Cristo, a largar a mentira anticristã e viver a verdade.

*Como? De que maneira essa igreja poderia romper com esta ideologia do engano e da violência que estava quebrando a comunhão humana?*

Para isso, João volta ao princípio (1.1). Volta à forma como Deus publicou sua verdade de vida (1.2). João fala sobre o antigo-novo mandamento. Antigo, pois seus leitores já tinham ouvido sobre ele. Porém, era novo por ser uma verdade que iria trazer uma nova forma de viver. Assim como um brilho raian-do novamente acaba com as trevas (2.7-8), João fala sobre Jesus, o Cristo.

Jesus é o Verbo da vida, a palavra de Deus que deve ser permanente nos jovens (2.14). Permanecendo em Jesus, gravando suas pala-

vas e andando como Ele andou (2.3-6), eles teriam força para vencerem as influências do maligno. E essa vida vitoriosa deveria ser concretizada, principalmente, no amor-ação (3.18). Pois “*é só o amor que conhece o que é verdade*” (já ouviram essa canção? Não?).

João luta, então, re-apresentando Jesus e seu ensino, para arrancar seus irmãos e irmãs dessa enganação. Ele quer levá-los para a luz, tirá-los da cegueira e mentira que afirmam ser possível conhecer a Deus sem amar as pessoas (2.9-11; 4.20).

*E o Quico? (Este meme é das antigas. Pergunte para seus pais ou para o tiozão, líder dos adolescentes da sua igreja). O que essa parada de João e dos cristãos que estavam sofrendo com mentiras tem a ver com você e com seus colegas?*

Como na época de João, temos também uma mentira anticristã, cruel e violenta. E, mesmo sendo muito antiga, ainda (infelizmente) está ativa, trazendo muito sofrimento a toda humanidade.

Vamos conversar um pouco sobre o racismo? Então, “senta que lá vem a história” (Este é outro meme antigo. Se tiver curiosidade, pesquise-o).

Há muitos anos um maldito ensino a respeito das mulheres e homens negros vem sendo implantado. Esta falsa mensagem não surgiu de repente. Mas foi crescendo, maldosamente fortalecendo-se e estendendo raízes para a destruição da comunhão humana.

Ao estudarmos a história (excelente tarefa que recomendo a todos), compreendemos que o interesse ganancioso das nações colonizadoras criou mentiras sobre os povos africanos e seus descendentes. Para justificar a forma violenta com que invadiam, espoliavam, assassinavam e escravizavam-nos, afirmavam que não eram humanos. Os rotularam como “primitivos”, “inferiores”, não dignos de direitos, etc.

Como disse, isso não ocorreu de um dia pra outro. E nem foi obra de uma só pessoa. Esse pensamento pecaminoso foi estruturalmente construído por séculos, dominando as ciências, influenciando cultura e as diversas instituições na sociedade. Infelizmente, a igreja também, em muitas ocasiões, favoreceu esta discriminação.

Por força desta maligna mentira, os negros e negras foram coisificados, animalizados, julgados como uma subespécie, a ponto de serem escravizados por mais de 300 anos. Pelo tempo da existência e consequências desta mentira, ainda hoje, homens, mulheres, crianças e jovens, como você, se tiverem a pele preta, sofrem de diversas formas. É, ao mesmo tempo, triste e importante conhecer, por exemplo, os índices de violência física, econômica, moral, psicológica e social contra os negros e negras em nosso país e no mundo. (Este conhecimento é essencial para não repetirmos tolices do tipo “racismo não existe” ou “racismo inverso”).

Assim, o falso conceito de “raça” e de hierarquia entre as etnias (povos “superiores” a que outros) foi sendo estabelecido e consti-

tuído, naturalizando múltiplas expressões de preconceito e de discriminação em nossa sociedade.

Mas isto não pode ser aceito por nós como uma verdade, como algo natural. Chega! É preciso força para refletir e combater o racismo.

Por isso, repito, mais uma vez, as palavras de João: “*Jovens, eu escrevo a vocês porque são fortes!*”

Na continuidade do versículo, compreendemos esta força: Jovens e adolescentes são fortes permanecendo na Palavra – Jesus Cristo.

Sim, há agora um encontro entre nós e as

pessoas a quem João enviou sua carta. Assim como eles, todos, com peles pretas ou menos pretas, sofreremos as consequências de um ensinamento anticristão: o racismo. Ensino maligno que gera comportamentos cruéis, alimentando-se da violência e quebrando os relacionamentos humanos. O racismo é um crime, atitude inaceitável. Ainda mais intolerante àquele (a) que segue a Jesus. O preconceito, a discriminação, a violência são incompatíveis com a fé cristã.

Somos então chamados a voltar nossa atenção à mensagem que o Pai publicou em Cristo. Re-conhecer o Deus que não faz acepção de pessoas (Atos 10.34), largar a mentira racista e viver a sua verdade que promove a comunhão humana.

*Como, certa vez, disse Rubem Alves, é preciso “desaprender para aprender de novo”. A aprendizagem racista, com que todos nós fomos feridos, precisa ser desaprendida.*

*É preciso força para desaprender os (pré) conceitos que nos faz julgar e classificar as pessoas pela cor de sua pele.*

*Força para desaprender a sorrir ou calar-se diante de uma piada racista e/ou preconceituosa.*

*Força para desaprender a não questionar a ausência ou pouca presença de jovens negros nas universidades e outros espaços da sociedade.*

*Força para desaprender a considerar como normal alguns privilégios.*

*Força para posicionar-se contra o racismo.*

*É preciso força para aprender de novo.*

## Reaprender o que? Como?

*Aprender de novo e sempre com Jesus, o Filho de Deus. Ouvi-lo, vê-lo, contemplá-lo, tocá-lo (1.1). Chegar a Cristo, desta forma dedicada. Colocar diante dele nossos preconceitos e permitir que sua verdade destrua todo este engano.*

O racismo é sustentado por mentiras historicamente criadas. E quem é o enganador, criador de mentiras, senão aquele que nega a Jesus? (2.22). A mentira que gera esta discriminação já tem causado muito sofrimento, dor e morte. É uma obra do diabo, a ser destruída com a manifestação do Filho de Deus (3.8).

Jovens, vocês são fortes para, na escola, nas redes sociais, no convívio entre seu círculo de

amizade, etc., vencerem o maligno, contra o racismo, na prática da justiça e amor (3.10).

Para encerrarmos com dicas práticas, podemos continuar batendo um papo com João, pontuando alguns dos seus ensinamentos. E também, trazermos para essa conversa algumas orientações que a filósofa negra Djamila Ribeiro registrou em seu “*Pequeno Manual Antirracista*”.

### *Pequeno Manual Antirracista*

- *Aprenda constantemente e sempre a permanecer em Jesus. Fique nele (João 2.24);*
- *Informe-se sobre o racismo (Djamila);*
- *Grave as palavras de Jesus (1 João 2.3-5);*
- *Enxergue a negritude (Djamila);*
- *Ande como Jesus andou (1 João 2.6);*
- *Reconheça os privilégios da branquitude (Djamila);*
- *Tenha confiança em Cristo e dele não se afaste (1 João 2.28);*

- *Perceba o racismo internalizado em você (Djamila);*
- *Ame todas as pessoas porque o amor vem de Deus e comprova que somos nascidos dele e o conhecemos (1 João 4.7);*
- *(Conheça e) apoie Políticas Educacionais Afirmativas (Djamila);*
- *Não ame “da boca pra fora”, mas de fato e verdade (1 João 3.18);*
- *Transforme seu ambiente familiar, de estudo e entretenimento (Djamila);*
- *Lembrem-se de que maior é a verdade daquele que está em nós do que a mentira do anticristo que está no mundo (1 João 4.1-6);*
- *Leia autores negros (Djamila);*
- *Lembre-se que a nossa fé é a vitória que vence o mundo (1 João 5.4);*
- *Questione a cultura que você consome (Djamila);*
- *Saiba que o Filho de Deus está vindo e tem nos dado entendimento para reconhecermos a verdade (1 João 5.20)*
- *Conheça seus desejos e afetos (Djamila);*
- *Guarde-se da idolatria (1 João 5.21);*
- *Combata a violência racial (Djamila);*
- *Seja forte na Palavra, em Jesus (1 João 2.14);*
- *Sejamos todos antirracistas (Djamila).*

Força, amigos e amigas!

Amparados na Palavra, venceremos o Maligno.

Forte e carinhoso abraço.

Love

NÃO AO  
RACISMO